

O DIA DO LEÃO ALADO

Título original: *El día del león alado*

© Silo

Capa

Robert Nageli

Ilustração

Rafael Edwards

Diagramação

Yonne Gimenez e Érica Naomi

Tradução

Alexandre Sammogini e Luis Alves

Revisão

Ana Facundes e Cláudia Freire

Índice

CONTOS CURTOS.....	5
CASA DE PASSAGEM.....	7
O GRANDE SILÊNCIO	9
TECLE A RESPOSTA!.....	11
A PIRA FUNERÁRIA.....	17
NOS OLHOS, SAL; NOS PÉS, GELO.....	19
RELATOS	23
KAUNDA.....	25
PANFLETO A PASSO DE TANGO	31
O CASO POE	43
FICÇÕES.....	53
SOFTWARE E HARDWARE.....	55
A CAÇADORA	71
O DIA DO LEÃO ALADO	85

CONTOS CURTOS

CASA DE PASSAGEM

Desde cedo, percorri os escritórios das importadoras que funcionavam nos postos do mercado. Barek-el-Muftala havia desaparecido dali e ninguém tinha notícias dele. No entanto, um velho vendedor de frutas disse ter visto Barek abandonar a zona amarela da cidade três dias antes e que escutou qualquer coisa confusa sobre ele.

No bilhete que colocou em minhas mãos, ele indicou um local em Malinkadassi.

Saí em direção à praça principal, lutando com vendedores de iogurte, vendedores de bronze e outros comerciantes. Depois descansei em um bar, tomando chá, recusando narguilés e café e, finalmente, dirigi-me ao terminal de ônibus, onde achei um táxi. Após um longo trajeto, o veículo me deixou em frente ao casarão térreo. Ali pude ler em uma placa de bronze: “Casa de Passagem”.

Na porta, obtive a informação que procurava. “Está lá dentro”, disseram-me. Abrindo espaço entre a multidão aflita, consegui chegar até um enorme quarto. Um grande círculo humano cercava o caixão aberto cuja tampa apoiada na alça

de madeira lembrava um piano de cauda. Ao lado do caixão, um gordo recitava orações em voz alta e, de vez em quando, os homens respondiam às preces. Periodicamente, o personagem enfiava a mão direita no caixão, como se estivesse tentando dar compostura a uma veste ou talvez ao sudário do falecido. Diante disso, fui me aproximando até me posicionar quase no centro da cena. Então, compreendi que o oficiante tentava acalmar o suposto defunto, que lutava para levantar a cabeça. Barek-el-Muftala estava diante de meu nariz com a cabeça enfaixada, queixando-se com voz fraca. Ao que parece, ele havia sofrido um grave acidente e estava agonizando.

Os acontecimentos se precipitaram. Chegou um rapaz com um recipiente e o entregou ao gordo e este, sem pestanejar, destampou o frasco. Abrindo a boca de Barek, esvaziou nela seu conteúdo. Depois, com uma mão empurrou as mandíbulas e com a outra oprimiu as narinas do agonizante. Não foi um movimento brusco, mas doce e suave. Olhando para um grupo de parentes, o oficiante movia a cabeça de Barek para a direita e para a esquerda, movimentando-a a partir do nariz. Passado um tempo, subiu em uma cadeira que alguém lhe estendeu e, em equilíbrio instável, inclinou-se profundamente para dentro do caixão. Ali fez algumas verificações, até que decidiu descer. Em seguida, afastou-se do local com a satisfação da tarefa bem realizada, com o porte e a gravidade que correspondem a esses acontecimentos. Esse foi o sinal que rompeu o dique das emoções experimentadas pela morte de um amigo íntimo. À medida que o pranto se generalizava, assumi uma atitude solene, sem deixar de espiar os umedecidos olhos verdes da filha de Barek. Ela, como única descendente, havia autorizado a eutanásia de seu pai e, entre os diversos programas de extinção, soube escolher o mais refinado.

O GRANDE SILÊNCIO

Ao meio-dia, os colheiteiros se acomodaram sob a sombra das parreiras mais espessas. Depois de comer, trataram de fazer uma breve sesta. Mais de 40 graus centígrados impunham silêncio aos pássaros e aos cavalos adormecidos em seus estábulos. Os caminhões de carga, os tratores que guinchavam as carroças e os reboques esperavam protegidos em seus galpões. Apenas uma brisa movia algumas folhas do vinhedo, e mal se escutava o rumor da água nos canaletes. Era uma tarde seca de calor brutal, uma tarde que só conhece quem vive sob os céus violentamente azuis dos semidesertos. Qualquer um à beira do sufocamento poderia ter jurado que escutava o crepitar do sol batendo na terra quase calcinada. No entanto, eu vi como o sujeito estranho atravessou uma fileira de vinha, chegando a uma viela; como seu cão fiel o seguiu a poucos metros de distância; como abaixou as calças, expondo as nádegas achatadas à radiação; como de cócoras expeliu uma geleia escura que, escorrendo, misturou-se com o pó; como aquilo se solidificou velozmente e como o cão, abrindo a boca com a precisão de uma pá mecânica, ergueu um pedaço sólido e perfeito.

Talvez por causa da temperatura estive perto do desmaio ou, no mínimo, faltou irrigação em meu cérebro, já que por um instante vi o sol como uma bolha transparente. Depois, as nádegas reluziram e os corpos de cão e amo ficaram quietos em suas absurdas posições. Nem brisa, nem o mais leve rumor dos canaletes, nem batidas de coração, nem calor, nem sensação... O Grande Silêncio irrompeu em meio ao pretexto do descabido.

Depois, o preguiçoso fluir da existência animou as formigas e o lagarto furtivo. Um relincho distante indicou que tinha chegado novamente à terra do acontecer... Por isso, levantei o cesto de colheiteiro e, com uma tesoura de poda, comecei a cortar cacho após cacho, embarcado em uma felicidade que se expandia em círculos concêntricos.

TECLE A RESPOSTA!

Como o computador fazia para escrever poemas por conta própria é algo que me intrigou durante muito tempo. O fato é que se colocava em ação justamente no momento em que eu me ausentava. Mas, hoje, acabo de seguir claramente as pegadas da culpa. E nunca mais, minha querida, nunca mais, estúpida TZ-28300!

Há pouco tudo estava bem. Eu tomava café e operava meus aparelhos. Lobo dormia, como sempre, em um canto atapeado. Trabalhando na sala de testes com o instrumental e as substâncias, contava com a ajuda, na investigação, do programa especialista em Química que havia introduzido na TZ-28300. Estava na sequência em que o computador me perguntava:

“Fundese com facilidade?” e eu digitava “não”.

Então, ele esboçava conclusões e dava sugestões, escrevendo-as em papel contínuo para que a informação ficasse impressa para revisões posteriores.

– Provavelmente é um composto iônico. Dissolve-se?

– Sim.

– Ache o ph e depois indique se é um ácido, um alcalino ou uma substância neutra. TECLE A RESPOSTA!

– É neutra.

– Trata-se de um sal neutro. Averigue o metal que contém, com base na prova da chama. Tem uma resposta?

– Sim.

– Faça a determinação dos radicais. Se a aparência é de um precipitado branco quando se adiciona cloreto de bário, o radical é sulfato. Se fica branco quando se adiciona nitrato de prata, trata-se de cloreto. Se desprende dióxido de carbono quando é aquecido, é carbonato. Combine o metal e o radical para averiguar o nome do composto. TECLE A RESPOSTA!

Nesse momento, fui ao outro quarto buscar alguns recipientes de porcelana para continuar com os experimentos. Mas, como já tinha acontecido outras vezes, escutei o zumbido que denunciava a impressão de um texto e voltei correndo. A impressora devorava papel branco por um lado e o expulsava escrito por outro. Diante dos meus olhos estava se compondo uma sequência que não podia acontecer, considerando o programa que eu usava. A TZ-28300 estava combinando dados químicos com as mais variadas informações pessoais que eu tinha armazenado e com fragmentos da enciclopédia que estava em seu disco rígido. No entanto, essa incoerência não era coisa do outro mundo. Duas ou três áreas de memória que, de repente, misturavam-se por uma inoportuna instrução (como, por exemplo, “merge”) provocavam esses fenômenos. Só que essa ordem devia ser digitada por mim e não era esse o caso, ainda mais em minha ausência. Além disso, a combinação devia passar por um processador de palavras de inteligência artificial, como sempre acontecia,

de acordo com os ordenamentos que apareciam escritos. Muitos erros voltados para uma direção precisa! Deixei que saíssem metros e metros de papel escrito, até que se apresentaram algumas quintilhas inteligíveis:

*Toda flor é sempre fanerógama.
Ao contrário, tu, Maria Brigidita
(telefone 942-1318 - Arce, 2317)
és às vezes absurda e deliciosa,
inquieta, fingida e criptógama!*

*Na prova da chama olharei
teu cobre verde,
teu lítio rosa/vermelho,
teu estrôncio carmesim.
Furiosa e irredutível monógama!*

*Nem todo metal se torna irredutível,
nem a dívida em oxigênio combustível.
DEVO:
na drogaria, pó fino de ferro
e, no armazém, comida para o cachorro.*

Saltei sobre a impressora e a desconectei. Então, “armazém, comida para o cachorro”, hein? A máquina, em suas associações livres, tinha me dado a pista. Por isso, volto a pensar “nunca mais minha querida, nunca mais, estúpida TZ-28300!” Tomarei providências, mas farei isso passo a passo e sem erros.

Começo apagando o sistema. Espero alguns segundos... Ligo tudo. Escuta-se um clique. O disco rígido começa a girar, enquanto pisca para mim com seus diodos luminosos. Instalo o programa especialista em Química. Tudo responde, tudo está em ordem. Levanto da cadeira e saio batendo as solas dos sapatos para o quarto ao lado. Ao passar para o outro ambiente, empurro a porta até quase fechá-la; depois, continuo me deslocando por mais algum tempo, mas volto às escondidas até a porta, colocando-me atrás da fresta que me permite observar boa parte da sala de testes.

Como eu suspeitava! Vejo uma forma sorrateira avançar em direção ao computador. De um salto posiciona-se em frente ao teclado, mas eu saio com estrondo e Lobo corre, gritando, até o canto. Deitado, fica imóvel, fazendo-se de morto.

Estou de cócoras, repreendendo o delinquente.

– Então, o fantasma da ópera, não é? Mexendo nas teclas com o focinho? Agora você vai ver!

Lobo se reanima. Sentado nos quadris traseiros, levanta o peito, apoiando o resto do corpo nas duas patas de pastor. Com as orelhas em pé e alinhando o focinho, observa-me sem se mexer. Continuo resmungando e ele começa a me olhar de uma maneira humana. Fico desarmado e acaricio seu focinho. Então, sinto um “clique” às minhas costas. O disco rígido começou a trabalhar. O que é isso? Os diodos luminosos piscam, e o zumbido da impressora inunda a sala. Levanto-me e, em dois pulos, estou em frente aos aparelhos, mas a impressora já não devora mais o papel; os diodos permanecem acesos e quietos. Observo Lobo que, sentado e estático em seu canto, crava em mim seu olhar humano. Tenho a estranha sensação de que entre a TZ-28300, Lobo e eu formou-se uma estrutura de espera. Então, decido-me. Arranco o pedaço de papel escrito, coloco-o diante de meus olhos e leio:

*Queres por acaso alimentar teu cão?
Ou preferes dissolvê-lo em um ácido,
um alcalino ou uma substância neutra?*

TECLE A RESPOSTA!

A PIRA FUNERÁRIA

Da ponte, apoiado nos cotovelos, observava nitidamente todas as manobras que o grupo fazia na margem do rio. Vi como ninguém conseguia encontrar galhos nem troncos suficientemente secos para aumentar uma fogueira limpa e proveitosa. Depois de várias tentativas, alguns homens avivaram as chamas com trapos e velhos exemplares do *Nepal Telegraph*. O fogo subiu e, então, decidiram colocar uma espécie de catre na pira funerária. Talvez pelo cânhamo dos sacos atados às duas madeiras laterais, talvez pelo tecido que envolvia o falecido, as chamas cresceram... Mas aquilo não durou muito tempo. De tanto acrescentarem galhos e folhas não de todo secas, a fumaça envolveu o túmulo e o grupo se dispersou, tossindo. Com a mudança do vento, dois homens se aproximaram da fogueira e empurraram o defunto até a água. Foi uma operação feita com um toque de ira e impaciência – o contrário das cremações habituais, em que se termina recolhendo as cinzas, que depois são dispersas sobre o rio.

O corpo flutuou suavemente e, depois de um novo impulso, passou a fazer parte do caudal. Em silêncio, o grupo viu

como se afastava, enquanto eu, da ponte, estava cada vez mais perto dele. Estava nu e apenas a parte direita tinha chegado a se queimar levemente. A metade direita do rosto também estava carbonizada. Um corvo pousado no cadáver picotava o olho esquerdo, o olho poupado pelo fogo. Quando passou por debaixo da ponte, voltei a me concentrar no conjunto que permanecia estático à beira do rio. Dali, apoiado nos cotovelos, fiquei esperando que se retirassem. Então, recordei os funerais de todas as latitudes da terra: os funerais pobres e os luxuosos, os assépticos e os anti-higiênicos. Considerei os enterros, as cremações, os desmembramentos e as triturações dos ossos; as exposições a pássaros e a ursos; a colocação em árvores e em rochas protegidas, em fendas e crateras, em construções desmedidas, em templos e jardins; os envios de cinzas em urnas espaciais; as conservações criogênicas...

Bocejei, estiquei os braços e senti fome.

NOS OLHOS, SAL; NOS PÉS, GELO

Fernando foi um bom colega de trabalho e um notável cientista. Sem nenhuma explicação, abandonou suas tarefas e partiu para África. Depois, alguém me disse que andava pelo Alasca. Passaram-se dois anos desde então e ninguém soube ao certo o que havia acontecido com ele. Se ainda estiver vivo, a esta altura já deve estar irremediavelmente louco e imagino como sua loucura teria começado. Entre os papéis que abandonou em nosso laboratório, destacam-se umas anotações desordenadas e estranhas, bastante afastadas de suas investigações habituais. Ei-las aqui.

26-08-80

Isto aconteceu ontem de madrugada, horas depois de ter bebido uma suave infusão da *folha esmeraldina*. Estava sozinho no gabinete de Biologia. A música fluía suavemente de um pequeno alto-falante disfarçado na parede frontal. Acho que nesse momento se escutava um ritmo lento de percussão e vozes. Enquanto isso, sentado à mesa de trabalho, sentia-me incômodo, porque notava meu pé direito bastante frio e dormente, contrastando com o esquerdo, que se

mantinha quente. Havia trabalhado a noite toda e, apesar do ardor de meus olhos, girei o regulador de luz, aumentando o brilho no condensador do instrumento óptico. Pela décima vez, observei no microscópio a amostra vegetal e vi que os estomas brilhavam em cor esmeralda forte. Acrescentei 500 aumentos, mas a definição variou de forma desigual nos campos do binocular, talvez devido a um desajuste no aparelho. Logo comprovei que não se tratava de uma falha mecânica. Também não era simples fadiga visual. Então, fixei a vista nos oculares sem pestanejar. Em pouco tempo, vi que as imagens se dissociavam: o olho esquerdo via uma coisa e o direito outra, enquanto cada figura se transformava, seguindo as insinuações da música. Os estomas haviam desaparecido e, em seu lugar, grupos humanos se agitavam no ocular direito, em um ambiente de frio e gelo, enquanto no esquerdo as imagens se relacionavam com sal e calor. Comprovei que o sal traduzia meu cansaço e compreendi que também se infiltrava na imagem correspondente a meu olho esquerdo, enquanto o direito via imagens traduzidas do frio e da dormência de meu pé direito. Apesar da dissociação, as imagens se conectavam perfeitamente a uma “voz interna” que parecia divagar sobre o microscópio. A música variava os movimentos das imagens que eu via, mas, às vezes, o som se convertia em lufadas de vento que tocavam meu rosto.

Afastando-me do instrumento, organizei uma pequena tabela em que pude apresentar toda a dissociação, embora sempre conectada com a divagação central, que formalizei deste modo: **“No binocular predominaram as cores claras. Tudo brilhava à luz do condensador do microscópio, mas acima estavam as lentes que, aumentando os feixes luminosos, feriam, cristalinos, meus olhos já demasiado cansados.”**

Divagava sobre o microscópio deste modo: **No binocular...**

No olho esquerdo... comecei a ver pessoas que, em grupos coloridos, rodeavam altas estalagmites de sal. Eram africanos de diversas nacionalidades, fazendo comércio entre si. Lentamente, desataram seus pacotes nos quais... (**predominaram as cores claras**).

No olho direito... *encontrei um deserto de argila ressecada e rachada. Tudo era opaco, quase negro. Em suave movimento, os cascões foram se soldando em uma massa. Logo nela...* (**predominaram as cores claras**).

Essa foi toda a sequência:

No binocular,

comecei a ver pessoas que, em grupos coloridos, rodeavam altas estalagmites de sal. Eram africanos de diversas nacionalidades, fazendo comércio entre si. Lentamente, desataram seus pacotes nos quais...

encontrei um deserto de argila ressecada e rachada. Tudo era opaco, quase negro. Em suave movimento, os cascões foram se soldando em uma massa. Logo, nela...

predominaram as cores claras.

A situação humana era excepcional. Ninguém estava apressado diante de seu montinho pontudo. Diversos grupos entoavam um hino e, na cadência, balançavam em ritmo perfeito. As estalagmites de sal se elevavam como ninhos de cupim.

O solo congelou e ali me vi caminhando descalço em um chão de gelo interminável.

Dos pés para cima do corpo subia um formigamento agudo.

Tudo brilhava à luz do condensador do microscópio,

e me perguntava como essas formações teriam sido produzidas, já que para isso seria necessário ter água caindo densamente,

enquanto meu rosto era açoitado por rajadas de vento. Abaixo, o gelo quebrava, abrindo precipícios abismais,

mas acima estavam as lentes,

em um céu limpo que não poderia facilitar as chuvas. De qualquer maneira, algum líquido teria arrasado o sal, formando as estalagmites.

de modo que me encontrava aprisionado em todas as direções. Quase vencido e deslumbrado, ouvi o rugido enfurecido.

Assim, erguiam-se os túmulos ansiosos, mas livres, fortes, sem ira, buscando os céus limpos

Entre os ventos espantosos, o reflexo se movia à vontade, atingindo blocos separados

que, aumentando os feixes luminosos,

feriam, cristalinos, meus olhos,

já demasiado cansados.

RELATOS

KAUNDA

O embaixador da Zâmbia insistiu durante uma semana. Suas instruções eram estritas: ele não poderia abandonar Florença sem me levar a Lusaka.

No dia 10 de janeiro de 1989, cheguei acompanhado por Antonio e Fulvio. Ao pé da escada, um comitê de recepção apresentou seus cumprimentos. De imediato, fomos rodeados por uma guarda armada que nos colocou em três limusines pretas. Em alta velocidade, deslocamo-nos por uma estrada periférica até cruzar o centro da cidade. Enquanto os motociclistas abriam passagem entre a multidão, consegui ver longas filas de mulheres que, carregando os filhos desnutridos, esperavam a abertura dos centros de racionamento.

Dez minutos depois, estávamos no palácio presidencial rodeado por tanques e paliçadas labirínticas. Descemos e fomos conduzidos ao salão de ébano onde nos esperava o presidente com seu gabinete completo. Kaunda nos deu boas-vindas, destacando nossa importância ideológica para a revolução. Respondi brevemente, enquanto Antonio traduzia para a cadeia de TV. O presidente Kaunda, com seu porte soberbo, lançava gestos estudados para nós e para seu público,

distribuindo sobriedade e paternalismo, conforme variava sua posição frente a uns ou outros. Sempre pendia de sua mão esquerda o grande lenço branco que, com certeza, constituía uma característica personalíssima de sua vestimenta. O famoso lenço! Quando falava, agitando-o com veemência ou cortando o ar, todos compreendiam o sinal; quando escutava, amassando-o com firmeza, os presentes também interpretavam o código. Mas, se acompanhava a carícia com um intermitente “já vejo”, aquilo era, sem dúvida, uma aprovação.

Em dois dias, fizemos todo o necessário. Somente no diálogo mantido com o secretário do partido único a coisa terminou mal. Mas, em geral, as informações eram fornecidas, e os problemas pelos quais o país passava foram expostos de maneira nua e crua, sempre comparados com os dados mais inacreditáveis que Fulvio recolhia e que se somavam à massa que ele havia trazido da Europa. Nos jardins presidenciais, Kaunda mostrava os impalas que pastavam suavemente. Nesse éden bucólico, a floresta africana e a brisa do entardecer não me impediam de ver a situação como se fosse televisionada de cima: todos os ângulos guardados por sujeitos com rádios; do lado de fora, os tanques e as paliçadas; mais longe, as barreiras; e logo Lusaka, apinhada e faminta; os campos arrasados, as minas de cobre e de minerais estratégicos esvaziadas a preço vil, controladas por um punhado de companhias cujos fios, saindo do mapa africano, atavam-se em pontos distantes do globo. Esse era um recorte espacial, mas também via esse lugar dez, vinte, trinta anos atrás, e séculos antes, quando não existiam países, e sim tribos, reinos, e os fios se atavam a pouca distância. Compreendi que, mais cedo ou mais tarde, o regime seria deposto porque sua vontade de mudança tinha as mãos atadas por aqueles fios multicoloridos. Contudo, eu sentia algo parecido com agradecimento pelo apoio dado à liberação da África do Sul

e à luta antiapartheid. Por isso, mesmo sabendo antecipadamente que nosso projeto era irrealizável, Antonio exibiu as variáveis do que se deveria fazer...

Depois do jantar da terceira noite, descemos até um bunker através de um corredor cheio de quadros à direita e à esquerda. Ali estavam Mandela, Lumumba e tantos outros heróis da causa africana. Também apareciam Tito e outras personalidades de diversos continentes. De repente, parei diante de um quadro e perguntei a Kaunda:

– O que Belaúnde está fazendo aqui?

– É Allende – respondeu o presidente.

– Não. É Belaúnde Terry, social cristão e ex-presidente do Peru, homem não muito progressista, mais ligado aos interesses do Clube Nacional de Lima.

Kaunda pegou o quadro e, com toda a naturalidade, espatifou-o contra o chão. Logo depois, disse algo sobre Salvador Allende, mas eu estava concentrado no espaço que havia ficado descolorido na parede e nos vidros quebrados pelo chão. Por um instante, tive a impressão de que se colocavam e tiravam quadros em infinitos corredores a uma velocidade chapliniana e, nessas cenas do cinema mudo, revezavam-se heróis e covardes, opressores e oprimidos, até que, finalmente, em uma parede sem cor ficava uma intenção vazia que era a imagem do futuro humano.

Chegamos ao bunker.

Enquanto Fulvio anotava e filmava até os últimos detalhes, Antonio, elegante e metálico, abriu sua pasta e, com uma frieza gélida, fez todas as críticas do caso. Enquanto falava, vi como o lenço se amarrotava, como logo começou a se fazer um nó para terminar abandonado em uma mesinha,

justamente ao final da exposição. Antonio, sem reserva alguma, falou de tal modo que qualquer político teria se sobressaltado. No entanto, vi claramente que todo o dito chegava ao coração. Pareceu-me que Antonio encarnava uma verdade que começava antes dele e que se projetava para o futuro. Nessa frieza estava o pano de fundo de todas as causas pelas quais o homem tem lutado e acredito que todos o entenderam assim. Kaunda, emocionado, não teve outro remédio que reconhecer com o seu “já vejo”, mas pronunciado de tal modo e com tal tristeza, que deve ter-se visto no espelho de sua alma.

“Para terminar nossa análise que, segundo entendemos, deve ser feita em conformidade com o que vemos, devemos reforçar o quinto ponto que se refere à dissolução imediata do partido único e à celebração de eleições plurais em menos de um ano. Isso vai acompanhado da libertação dos presos políticos e do direito ao regresso e participação dos exilados na luta política. A imprensa monopolista deve ceder espaço a todas as formas de expressão, mesmo com o risco de que os inimigos dos interesses do povo da Zâmbia se imponham momentaneamente pelo uso indecente de seus enormes recursos. Também queremos destacar o oitavo ponto no qual se considera a possibilidade de uma conferência permanente dos sete países para fixar os preços mínimos dos minerais estratégicos em nível internacional. E, no que se refere à campanha contra a África do Sul, os sete países deveriam bloquear seus espaços aéreos para impedir o livre deslocamento do regime racista. Além disso, se falamos de uma revolução profundamente humana, devemos começar pela desarticulação do aparato repressivo que, sendo uma defesa contra os provocadores externos e sua quinta coluna, tem-nos levado a espionar, controlar, encarcerar e fuzilar nossos próprios cidadãos. Não há revolução que tenha sentido, se o sentido da vida humana se perde!” Sem se alterar,

Antonio fechou sua pasta e a entregou, junto com outra repleta de informes, ao secretário de Kaunda.

O presidente me olhou de seu enorme sofá, que parecia um trono. Fitei-o e disse:

– Excelência, nada do que foi dito poderá ser colocado em prática, porque as conjunturas impedem, mas fomos leais ao estudo profundo que fizemos da situação. Peço a você e aos honoráveis membros de seu gabinete que saibam desculpar o que expusemos.

Kaunda levantou-se como um gigante e, insolitamente, atirou-se sobre mim para me abraçar. Os ministros fizeram o mesmo com Fulvio e Antônio. Naquele momento, senti com força que já havia vivido tudo aquilo anteriormente.

Partimos de Lusaka com a sensação de fracasso. No entanto, soubemos pouco tempo depois que Kaunda havia dado início a reformas importantes.

Gradualmente, liberou os presos políticos, estabeleceu a liberdade de imprensa, acabou com o partido único, reconheceu publicamente seus erros, convocou eleições gerais e, ao ser derrotado, abandonou o poder para se transformar em um simples cidadão.

Um jornal de São Francisco relatou o seguinte:

“Depois de liderar seu país rumo à independência da Inglaterra em 1964, Kenneth Kaunda foi presidente da Zâmbia por 27 anos. A seu favor podemos dizer que permaneceu firme em sua luta contra o apartheid da África do Sul e que muitos acontecimentos daquele país teriam tardado sem sua decisiva ajuda. Em sua própria terra enfrentou enormes dificuldades econômicas. Especialmente, a partir da queda dos preços mundiais do cobre. Desde o início dos anos 80,

a Zâmbia tem se tornado cada dia mais pobre. A renda média per capita diminuiu para 300 dólares anuais – metade do que era duas décadas atrás. A farinha de milho, principal produto alimentício, tornou-se cara e escassa. Para piorar, uma parcela significativa da população está infectada com AIDS e o país é recordista mundial de casos. A ajuda estrangeira também foi cortada desde setembro, data em que o Fundo Monetário Internacional cobrou o pagamento de 20 milhões de dólares que o país devia. No início de novembro, Kaunda foi derrotado por Frederick Chiluba, um dos principais líderes sindicais do país, nas primeiras eleições multipartidárias desde a independência. Ao contrário de Sese Seko Mubutu, que está reprimindo a oposição no vizinho Zaire depois de 26 anos no poder, K. Kaunda deixou pacificamente o governo.”

Não voltei a ver Kaunda, mas sei muito bem que, em algumas noites diáfanas de seu céu africano, continua fazendo as perguntas que eu não soube responder:

“Qual é o nosso Destino depois de todas as fadigas e de todos os erros? Por que ao lutar contra a injustiça nos tornamos injustos? Por que existe pobreza e desigualdade, se todos nascemos e morremos entre rugido e rugido? Somos um galho que se quebra, somos o lamento do vento, somos o rio que desce para o mar?... Ou somos, talvez, o sonho do galho, do vento e do rio que desce para o mar?”

PANFLETO A PASSO DE TANGO

Panfletto: do inglês, “pamphlet”. Contração de “Pamphilet”, nome de uma comédia satírica de versos latinos, do séc. XII, chamada “Pamphilus, seu de Amore”. Opúsculo de caráter agressivo destinado a difundir, sem fundamento sério, todo tipo de crítica.

Tango: provavelmente voz onomatopéica. Dança argentina de casal abraçado, forma musical binária e compasso de dois por quatro. Difundido internacionalmente, foi utilizado por Hindemith e Milhaud. Stravinsky introduziu-o em um movimento de sua “Histoire du soldat” em 1918.

Andrés vivia olhando para o umbigo e, nas horas vagas, contemplava o mundo exterior através do buraco de uma fechadura. Conheci-o em 1990, em um lugar da América do Sul chamado “Argentina”. Ele era então um “argentino”, um homem de prata e, acontecia que, ao não ter dinheiro, sentia-se frustrado com a designação coletiva que carregava nas costas. Lembro-me que nos apresentaram em um restaurante por ocasião de umas aulas que eu daria sobre temas de minha especialidade, ou seja, referidos a gastronomia

computacional. Naquela ocasião, o tópico a desenvolver seria “como preparar uma boa salada sem usar azeite e sem pegar o rabanete pelas folhas”.

Andrés era afeito à boa mesa, mas, ao acreditar que apenas em seu país comia-se carne como se devia, não pôde aceitar meus ensinamentos a respeito das diversas preparações que esta admitia. Sua ignorância impediu que se transformasse em um excelente ajudante de cozinha. Assim, angustiado pela escolha entre duas opções que lhe restavam, terminou por trair seu estômago e azedar sua vida.

Segundo Andrés, sua “pátria” (como ele gostava de dizer) vivia uma tragédia extraordinária, que me pareceu um sarampo infantil em uma etapa da vida dos povos, na qual não se deve comer porcarias e a dieta deve ser seguida rigorosamente. Graças a esses cuidados, os povos do Oriente Médio puderam evitar a triquinose do porco, os nórdicos impuseram sua “loura” cerveja aos bebedores de vinho tinto e, mais tarde, o chá amarelo aos sinistros consumidores de café preto colombiano ou brasileiro.

Atenção ao que se come e ao que se bebe! Como comparar a espiritualidade do chá do Ceilão (conforme demonstrado por teósofos destacados como Bessant e Olcott) com esse café cujo mercado não está em mãos de vitorianos e naturistas; como comparar a margarina com a manteiga e o azeite, produtores de colesterol; como comparar a sóbria *lemon pie* com esses presuntos, queijos e embutidos dos povos latinos... Seria o mesmo que igualar a elegância dos quadros da Vovó Moses aos excessos de um Goya, de um Gauguin ou de um Picasso. Por isso, os alemães têm tantos problemas, porque não se decidem de uma vez pelo vinho ou pela cerveja, por Hegel ou Alvin Toffler, por Goethe ou Agatha Christie, por Bach ou Cole Porter. A História demonstra que, se os imperadores romanos tivessem sido mais cuidadosos, não

teriam sofrido aquela catástrofe causada por beber vinho carrascão em taças anti-higiênicas. Contudo, não estamos de acordo com a interpretação que atribui ao chumbo desses recipientes o saturnismo e as numerosas enfermidades que os tornaram incapazes para o comando. Não. A gastronomia computadorizada demonstra que foi o fato de encher a barriga com vinho e mel que os fez cair. E foi bem merecido! Do contrário, o mundo ainda se manteria no obscurantismo e não se mediria em galões, polegadas, pés, jardas, milhas e fahrenheit; não teriam sido desenvolvidas as belas linhas dos Rolls-Royce, nem o chapéu coco; ninguém dirigiria pela esquerda e não se usariam óculos estilo John Lennon; poucos pronunciariam a sugestiva palavra “shadow”; o chapéu e a montaria mexicanas não teriam chegado aos texanos; o sapateado americano se manteria nos pés dos andaluzes e ninguém apontaria com o indicador para seu público nas danças de cabaré e na televisão. Nessa situação primitiva, quem poderia entoar “Cantando na chuva”, quem mascaria chiclete preparando as enzimas bucais e melhorando o fluxo de ptialina para engolir adequadamente?

Assim, então, era preciso estar alerta quanto às questões de dieta, mas meu aprendiz não entendeu isso, apesar do esforço pedagógico que fiz. Continuava obcecado com os problemas de seu pequeno mundo, olhando tudo pelo buraco de um macarrão. Ele me explicou que, em outras décadas, seu país havia sido extraordinário (usou a palavra “extraordinário” porque Andrés, ao pronunciá-la, elevava ao céu seus úmidos olhos bovinos e, pestanejando lentamente, entregava-se à lembrança tangureira). A rigor, existia uma interpretação muito simples para essa pequena crise, mas não se atrevia a formulá-la porque, em vez de aspirar ao lugar-comum de um povo, ambicionava uma potência que fizesse sentir sua força. Não podia admitir que, em plena época da queda das burocracias e ascensão da mundialização, apagavam-se as

fronteiras nacionais e explodia o modelo estatal do século XVIII. Ele, sem saber, era um nacionalista de esquerda, uma *rara avis in terris* (de acordo com a hipérbole de Juvenal), que nasce nos lugares em que o fator emocional se mescla com a dieta alimentar. Sem dúvida, em todos os lugares, sentimentos e papilas gustativas vão juntos, mas a mesa internacional acrescenta uma dose de ilusão que acalma a ansiedade dos comensais. Pobre rapaz... E que bom ajudante de cozinha teria sido! Infelizmente, não consegui inspirar a cabeça com a gastronomia, como grandes homens fizeram em outro momento. Certamente, se o eminente Lênin não estivesse atento às delicatessen suíças, tampouco contaríamos hoje com sua deliciosa definição da moral como “um molho fetichista para uma comida útil”! Essa maravilhosa expressão gástrica sublimada levou-me a criar um programa de confeitaria que, em sagrada homenagem, patenteari como “Vladimir”, mesmo que a maré dos acontecimentos mundiais seja desfavorável a essa homenagem. *Noblesse oblige!*

Mas, continuemos com nosso tema. Como todos os químicos do lugar, Andrés tinha que escolher entre duas opções: ou se dirigia para algum centro estrangeiro de estudos avançados ou se empregava como taxista em Buenos Aires. Muitos de seus colegas haviam seguido a primeira ramificação de um diagrama de fluxo que terminava em algum país com bons laboratórios, equipe internacional, tecnologia abundante e esse padrão de vida que permitia dispor de algum lazer sem sobressaltos. O diagrama mencionado levava a sub-rotinas que detinham a sequência em um *stop* a partir do qual se podia teclar *go to 1*, regressando à Argentina, ou se tomava outro caminho que chegava a um *break* a partir do qual era possível escrever *end of program*, acompanhado por uma mulher insossa, alguma criança e vizinhos amáveis que exibiam o último par de sapatos adquirido por um bom preço. A segunda ramificação, de taxista, desenvolvia-se entre

conflitos no contexto de um país que, aparentemente, desaparecia dia após dia. Essa parte do esquema terminava em um *end* como aposentado do sindicato de transporte cidadão.

Seu país tinha produzido vários prêmios Nobel em Fisiologia, Química e Medicina, resultando curioso comprovar os caprichos aristocratizantes desses cientistas que, depreciando um ofício digno de taxista, escolhiam a primeira ramificação do diagrama de fluxo. Em outros campos da cultura, o lugar havia liderado diversas expressões, mas também muitos de seus expoentes haviam optado pela primeira ramificação. Esses avançados em dieta terminaram abandonando os hábitos de atirar pedaços de carne sem tempero na churrasqueira e já comiam em mesas com toalha e talheres adequados. A arte da convivência havia começado a se desenvolver neles, enquanto assimilavam o papel de menestrel em festas elegantes. Domados pela vida, haviam aprendido a dissimular os pensamentos, como corresponde a pessoas civilizadas, despojando-se da insolência de seus conterrâneos, que tanta urticária provocava em qualquer lugar. Um fenômeno parecido acontecia com os esportistas, que, embora primeiros no mundo em diversas atividades, haviam sido comprados individualmente por centros opulentos e logo desmembrados como equipe. Os filmes ianques colocavam na moda canções escritas por seus músicos, e a União Soviética exibia como produto internacional alguns de seus ideólogos e militantes.

Surpreendentemente, a Argentina havia se transformado em bananeira e era conhecida por seu analfabetismo, decadência e um longo etecetera. Era curioso ver como era conhecida por óperas-rock como *Evita*, por um confronto lúmpen com a Inglaterra perto do polo sul e por suas juntas militares sangrentas. De qualquer maneira, haveria que se proteger desses irresponsáveis caipiras porque, de tanto matar moscas

com aerossol, estavam aumentando o buraco da camada de ozônio sobre suas próprias cabeças, ao mesmo tempo em que contaminavam a Antártida com latas de sardinha, garrafas de vinho e preservativos. Para completar o quadro desses sujeitos estranhos que quase superavam em corrupção os japoneses, norte-americanos, gregos e italianos, suas máximas autoridades usavam longas costeletas de mandril e não se vestiam de acordo com os cânones estabelecidos. Alguns de seus líderes desportivos haviam se transformado da noite para o dia em delinquentes, assombrando a comunidade internacional que, como se sabia, não registrava em seus atletas um único caso de *doping* ou de irregularidade ao longo de sua história. Por algum motivo eram vaiados nos campeonatos mundiais, fosse no México ou na Itália! Bem se sabe que as torcidas esportivas são de juízo amplo e internacionalista, provando-se o quão justificada era a reação daqueles públicos seletos.

Mas, do ponto de vista do comportamento psicossocial daqueles 30 milhões de cidadãos, a coisa era ainda melhor. Bastava que alguém se sobressaísse para que se presumisse o cometimento de algum delito, e se um desprevenido ajudava a outro em desgraça passava a fazer parte da galeria de suspeitos.

Ali se sabia como ver a realidade, por isso se, durante a noite, alguém dizia “é noite” ou, durante o dia, afirmava “é dia”, abriam-se violentamente as janelas das casas e apartamentos, ativavam-se os alto-falantes e dos megafones policiais brotava um coro de anjos que repetia “o que está por detrás, o que está por detrás?”, porque o “detrasismo” certificava a astúcia dos cantores. Como Torricelli teria apreciado esse enorme tubo de vácuo, já que ali um objeto de chumbo ou uma pena, um gênio ou um imbecil chegavam ao fundo com a mesma velocidade!

Em Buenos Aires, capital da Psicanálise, os cidadãos começavam a recuperar sua antiga vivacidade. Para não ficar para trás, Andrés foi visitar um médico de plantão. O bom doutor o atendeu em um divã e tomou nota das dúvidas existenciais de seu paciente, aconselhando-o tal como um pai orienta o filho. Andrés decidiu, então, escolher a segunda ramificação do diagrama de fluxo. Ao sair do consultório, estava escurecendo. Decidiu entrar em um bar. Pediu café e o olharam com desconfiança, mas ele retificou, pedindo um chá. Então, aproximaram dele uma xícara com água fervendo, onde navegava uma bolsinha amarelada. Sorveu a infusão com um desânimo de séculos e, sem saber de onde podia vir o som de um tango, escutou com a felicidade que só havia experimentado em seu primeiro amor adolescente:

“(...) Que o século vinte é uma manifestação de maldade insolente não há quem negue. Vivemos caídos em um merengue e no mesmo lodo, todos manuseados... Vai, vai que lá no forno vamos nos encontrar...”

Ceguei bem a tempo de escutar essa música chorosa e considerar sua filosofia implícita, segundo a qual o século XX é pior que qualquer outro século, incluídos Cro-Magnons, Javaensis e Neanderthalensis. E, quanto ao lodo, qualquer medieval poderia nos ilustrar convenientemente. Mas em tudo isso houve algo que me tocou profundamente. A canção do merengue me fez lembrar a grande cantora australiana Melba. Certa vez, em uma recepção, ela caiu sobre uma mesa finamente servida e em sua queda arrastou pêssegos em calda, bananas, cerejas e creme de leite gelado. Saindo do caminho, recolheu os restos da bagunça e os serviu misturados em um mesmo recipiente, derivando desse golpe de criatividade a famosa taça Melba. Também evoquei um incompreendido comandante inglês que, mesmo deficiente nas ações bélicas, teve a genialidade de colocar coisas entre

dois pedaços de pão. Louvado seja sempre o gastronômico almirante Sandwich! Por último, o assunto do forno no qual afinal todos haveremos de nos encontrar ajudou-me a compreender o quanto ainda estamos longe de assimilar essa situação de convergência humana. De fato, tinha à vista o exemplo de um químico reacionário que, depreciando o uso dos fornos de microondas, decidiu ser taxista.

Tive oportunidade de conhecer apenas a capital em que vivia Andrés, mas imagino que nas províncias as coisas sejam um pouco diferentes, porque ali se dança tango entre cactos, vestidos de gaúchos a la Rodolfo Valentino, enquanto as senhoritas gritam “Olé! Olé!” Todos tomam mate, que é uma cumbuca penetrada por um tubo do qual se sorve suco de abacaxi com gelo, dado o calor tropical da zona da Tierra del Fuego, como seu nome indica. E, se não me engano, a coisa não é tão grave, já que um tal de Reagan coloca o Rio de Janeiro na Bolívia e alguns “nordacas” europeus não localizam bem os “sudacas”, ignorando que no mapa há outros “nordacas” acima deles. Além de confundir localizações, os afeitos a essas “palavrotas” padecem de amnésia e pouca sensibilidade para os tempos futuros. De maneira que meus erros seguramente são insignificantes ao lado dos que vemos e escutamos diariamente. É claro que existem erros maliciosos propalados pelos dirigentes do primeiro mundo a fim de que, por contraste, seus êxitos sejam apreciados. Consequentemente, nos setores menos esclarecidos de sua população surgem invocações deste tipo: “Agradecemos-lhes por esta administração e por evitar que caiamos na situação desses pobres sudacas que a TV nos mostra todos os dias. Aleluia! Aleluia!” O negócio é bom para esse governo, para a imprensa sensacionalista e para o cidadão que compensa com a bondade de sua oração humilhações escondidas nas dobras de sua alminha pós-industrial. Mas esses descuidos calculados devem ser corrigidos porque um Ocidente

civilizado, incluído o Japão, deve se autolimitar na manipulação de imagens... Que não venha algo a falhar e tenhamos que sair com o pires na mão, pedindo ajuda aos selvagens.

Quis me despedir do taxista com a distância apropriada, mas ele, transgredindo a distância da privacidade, veio para cima de mim e, tomando minhas bochechas entre seus indicadores e polegares, começou a me sacudir. Sem me soltar e forçando uma voz embriagada, começou a dizer: *“Gorrdo, você, sim, que é bacana. Com o trampo da comida está cheio de minas e de grana. E eu aqui de taxista; pura dureza de pão e água! Dá o fora, folgado, e não se esqueça de mandar lembranças, não se esqueça!”*... Pouco entendi de sua gíria, mas acredito que expressava seus respeitos por minha profissão. Depois me abraçou e não sei por que teve que morder minha ombreira, mas creio que era uma alusão a certa frase com a qual se referia a mim, e cujo sentido desconheço, algo assim como *“Vai cantar para Gardel, gordo papa-fronhas!”* Esse não era o Andrés de sempre, taciturno e estudioso, esse era o doutor Jekyll, que ao me ver se transformava em Mister Hyde e se lançava a me escandalizar com seus impropérios. Mostrava sua amizade por meio de agressões, invertia as palavras e colocava o mundo ao contrário para não dar o braço a torcer, enfrentando as formas culturais que eu representava. No fundo, parecia um esteta que tomava o surrealismo de Buñuel e o grotesco de Fellini para misturá-los no jargão do lunfardo. Mas tudo terminou quando o rústico irreduzível se afastou, gritando palavras vulgares acompanhadas de gestos que fariam corar o mais grosseiro taberneiro de Liverpool... Que momentos, que momentos tive que passar! Imediatamente parti na direção do aeroporto.

Sobrevoando os pampas, revisei todas as reflexões dos dias anteriores, tentando compreender por que Andrés e seus conterrâneos sempre me olharam com desconfiança. Entendi

que essas pessoas (inventores do sistema de impressões digitais para a identificação de cada pessoa) mantinham intacta sua mentalidade policialesca, sabendo muito bem o que eu havia pensado deles nas diferentes ocasiões. Concluí que, se levantassem a cabeça novamente – coisa que comecei a temer –, proibiriam em seu território cada uma de minhas receitas, alegando qualquer pretexto sanitário. Depois, tranquilizei-me ao considerar os compromissos pendentes com pessoas do mundo desenvolvido – estas, sim, capacitadas para aceitar meu estilo de gourmet. Então, recordei com satisfação as fórmulas do mestre Brillat-Savarin, melhoradas agora por minha gastronomia computacional.

Apenas gesticulei e, em pouco tempo, as comissárias de bordo me apresentaram um carrinho que transbordava de primores culinários. Assim, voando entre nuvens rosadas, dispus-me a uma equilibrada refeição. Porém, uma estranha inquietude, algo parecido a Mister Hyde avançando na chuvosa atmosfera de um tango, foi abrindo caminho em meu interior. Duvidei por um momento e, ao final, pedi a minhas odaliscas uma garrafa de vinho tinto. Logo senti as taças que uma e outra vez, chegando a meus lábios, desenrolavam os pergaminhos do velho Omar Jaïam:

“A vida passa. O que foi de Balj? O que de Bagdá?

*Se a taça transborda, vamos consumi-la com sua amargura
ou sua doçura. Bebe! Para além de nossa morte*

a Lua seguirá seu curso, longamente fixado.

*Um copo de vinho tinto e um buquê de poemas,
uma subsistência nua, meia fogaça, nada mais.*

*Dizem que o Éden está enfeitado de virgens.
Respondo que o néctar da uva não tem preço.
Desdenha tão remota promessa e toma o presente,
mesmo que distantes redobres sejam mais sedutores.”*

O CASO POE

“Como do outro lado do espelho,
entregou-se solitário a seu complexo
destino de inventor de pesadelos.

Talvez do outro lado da morte
continue erigindo, solitário e forte,
esplêndidos e atrozes pesadelos.”

Edgar Allan Poe, de J. L. Borges

Sempre acreditei que as fantasias dos autores de ficção científica correspondiam a conceitos embrionários que, estando no ambiente de um momento histórico, tocavam da mesma maneira filósofos, estudiosos e artistas. Muitas antecipações depois confirmadas pelo avanço tecnológico tinham mais relação com o desenvolvimento daquelas ideias primitivas do que com visões reais do futuro. Verne tinha calculado com bastante aproximação o ponto de partida da primeira viagem à Lua e também imaginou o *Nautilus* movido por um tipo de energia que tempos depois pôde ser controlada.

Algo similar era possível dizer de Bulwer-Lytton com relação à eletricidade e de vários outros autores que surpreendiam por seus acertos. Certamente, muitos escritores de hoje seriam confirmados mais tarde, quando os dispositivos antigravitacionais, os transportes à base de raios lumínicos e os androides fossem realidades práticas. Eu considerava que tentar compreender essas percepções com base em poderes precognitivos era tão ridículo quanto atribuir a invenção simultânea do piano às capacidades telepáticas de Cristofori e de vários de seus contemporâneos que trabalhavam no desenvolvimento do cravo em 1718. A coincidência no descobrimento de Netuno pelo cálculo de Le Verrier e pela observação telescópica de Galle em 1846 me fazia refletir sobre o esforço que muitos matemáticos e astrônomos realizavam na mesma direção, movidos por suspeitas fundamentadas sobre a existência do planeta, e não por ocultas compulsões. Também considerei que, se fizéssemos uma lista de acertos e erros nas previsões desses escritores, os segundos teriam uma grande vantagem sobre os primeiros. Por outro lado, seria extraordinário que, entre tantos milhares de livros e de páginas, não acontecesse uma única aproximação a fatos que os autores prognosticaram; que, entre tantos sonhos, todos fracassassem. Acontecia com isso, como com tantas coisas de nossas vidas ao acaso, que só tínhamos em conta os acertos, e mesmo no pessimismo alcançávamos êxito quando, entre tantos acontecimentos, conseguíamos a cota de desastre esperada.

Essa era minha forma de ver o mundo, apoiada pelo cálculo de probabilidades, quando alguma superstição saltava sobre a mesa.

Essa foi minha posição quando se quis fazer de Poe uma espécie de bruxo da literatura.

Muitos de seus leitores eram pessoas impressionáveis que tomavam seus magnetizados, seus corvos agourentos, suas atmosferas esverdeadas e mortíferas como coisas que aconteciam realmente. Com frequência, escutei histórias sobre suas faculdades de vidente, sobre seus anúncios de naufrágios que depois aconteciam, sobre caixões que, ao serem abertos, mostravam as marcas de uma asfixia desesperada, tal como ele tinha previsto. E esses contos tiveram a qualidade de provocar em mim uma aversão especial.

Porém, faz algum tempo que as coisas mudaram. Em certas noites lúgubres, em certos ambientes penetrados pelo reflexo de luas mortíferas, julguei perceber o hálito que exalou em sua mansão escura, enquanto se precipitavam fatos que coincidiram com o que tinha escrito. Outras vezes, pareceu-me que não se tratava de um ser demoníaco, mas de uma criatura que, presa nos laços do tempo, quis romper essa teia tenebrosa para salvar outras vidas. Hoje, creio que conheceu detalhes de acontecimentos que haviam de ocorrer e que não pôde modificar porque ainda não tinham nascido os desgraçados protagonistas. E, por outro lado, quis que alguém deixasse claro tudo o que relatarei mais tarde.

Faço constar todos os fatos que qualquer investigador imparcial pode comprovar por sua conta. Tenho respondido aos apelos de Poe e, neste momento, corto com ele um vínculo pernicioso. Quando dois rádio-operadores se despedem depois de uma comunicação que conecta pontos distantes e fusos horários diferentes, costumam concluir com a frase: “Câmbio e desligo!” Assim, então, câmbio e desligo, querido e triste Poe. Eu sei, sinto-o claramente. Ao escrever estas notas, experimentei como minhas obsessões infantis foram exorcizadas. Não creio que no futuro, ao visitar casas desertas, ao me debruçar na boca de um poço, ao atravessar um bosque sombrio, escute novamente aquele lamento obsessivo

chamando por meu nome... “Reynolds, Reynolds.” Agora sei de quem era essa voz agonizante que me perseguiu desde criança. Enfim, tentarei estar perto de Margaret quando ela ler toda esta trama incompreensível, senão poderia chegar a repensar sua vida como o pretexto de uma vontade distante, como uma simples antena construída para facilitar comunicações entre tempos e espaços diferentes.

Tudo começou em uma reunião social.

– Você não leu Poe? – perguntou-me Margaret ao passar.

– Sim, quando era pequeno.

– Pois deveria lê-lo com cuidado e veria que fala de você.

– Como de mim?

– Sim, de Reynolds, ou você não se chama assim?

– Ora, é como se falasse de Smith... E o que tem isso?

– Não sei, mas anda por lá esse nome.

Poucos dias depois, consultei um índice de nomes nas obras completas do escritor e em nenhuma parte apareceu “Reynolds”. Compreendi que Margaret tinha se confundido, mas já tinha em minhas mãos várias biografias que, mesmo repetindo tópicos de sua vida angustiada, diferiam consideravelmente sobre as circunstâncias de sua morte. Esse fato chamou muito minha atenção. No final, fiquei com quatro casos divergentes.

I

“Quando da morte de sua esposa, começa a sofrer ataques de *delirium tremens* provocados por seus frequentes estados de embriaguez. Um dia, em outubro de 1849, é encontrado moribundo sobre os trilhos do trem.”

II

“Porém, no dia em que a unidade se quebrou pela morte da esposa vencida pela tuberculose, o poeta já não teve força alguma para viver. Arrastando seu duelo e, na realidade, esgotadas suas fontes criadoras, conseguiu sobreviver apenas mais uns dois anos. Quando se encontrava em Baltimore, fazendo uma rodada de conferências, foi encontrado entre as luzes de uma madrugada de outubro, agonizando no meio da rua.”

III

“Estava em Baltimore por acaso; tinha parado ali em uma viagem de Richmond a Fordham (Nova York), preparatória de sua próxima boda com Sarah Elmira Royster, seu grande amor da juventude, com quem se uniria depois de perder a primeira esposa, Virginia Clemm.”

IV

“Em setembro de 1849, chegou a Baltimore a caminho da Filadélfia. Um atraso no trem que haveria de levá-lo a esta última cidade seria fatal. Em 29 de setembro, visita um amigo em deplorável estado de embriaguez. Cinco dias mais tarde, cinco dias de absoluto mistério e vazio em sua biografia, outro conhecido é informado de que ‘alguém que pode ser o senhor Poe’ jaz bêbado e inconsciente em uma taberna dos baixos de Baltimore. Era época de eleições e era costume que os angariadores de votos embebedassem gratuitamente os eleitores. Essas taças eleitorais podem ter sido a última eleição de Poe. Transportado a um hospital, sua extinção era inevitável.”

E assim fui somando pistas, suspeitas e bibliografia, até que pude compor um quadro da morte de Poe que bem poderia ter sido escrito por ele mesmo. A verdade é esta.

Em 29 de setembro de 1849, chega a Baltimore. Não é certo que nesse dia tenha visitado um amigo, nem que um grupo político tenha precipitado sua crise. Passam-se vários dias em branco, até que em 3 de outubro é encontrado desacordado em uma taberna da Lombard Street. Dali é levado para o Hospital de Washington e, delirando até o fim, chama várias vezes por um desconhecido “Reynolds”. Morre às 3 da manhã do dia 7, aos 40 anos de idade. Talvez para reparar algum tipo de culpa, a cidade de Baltimore erige-lhe um monumento em 17 de novembro de 1875.

Pude confirmar, entre tantas opiniões diversas, que Poe exigiu repetidamente e aos gritos a presença de “Reynolds”. Esse nome, que confirmava a obscura recordação de Margaret, levou-me na direção de um fato mais extraordinário que as circunstâncias da morte do escritor. Meu raciocínio foi elementar. Suponhamos – disse a mim mesmo – que o angustiado pedido por esse tal Reynolds tenha algum sentido, quem foi tal personagem? O único “Reynolds” significativo que pude encontrar relacionado com a vida ou com a obra de Poe foi o expedicionário ao polo, em cujos relatos se baseou para compor parte de sua única novela: *A narrativa de Arthur Gordon Pym de Nantucket*. A partir daí não pude avançar. Então, entrei no tipo de pensamento que Poe queria transmitir através de seu estranho trabalho *Eureka*, no qual, discutindo o método dedutivo aristotélico e o indutivo de Bacon, abria as comportas para o que ele chamava de “intuição”, adiantando-se talvez nisto ao próprio Bergson. Na realidade, eu sabia que esse método não podia se sustentar, mas representava uma forma de pensar e de sentir – sem dúvida, a forma criativa habitual de Poe. Seguindo essa linha, entrando em uma situação delirante, mas que imitava os trilhos de seus hábitos mentais, situei-me frente à cena da invocação de Reynolds e passei a submergir no estudo de *A narrativa de Gordon Pym*.

Na novela, o quadro mais impressionante era a catástrofe do bergantim *Grampus*. Restando apenas quatro sobreviventes à deriva e a ponto de perecer por falta de água potável e alimentos, decidem tirar a sorte. “Peters abriu a mão e, então, olhei. O rosto de Richard Parker me fez compreender que eu tinha me salvado e que a morte o tinha escolhido. Caí desmaiado na ponte. Recobrei-me a tempo de contemplar a consumação daquela tragédia e a morte de quem fora seu principal instigador. Não ofereceu a menor resistência. Peters o apunhalou pelas costas e ele caiu morto instantaneamente. Não quero ser prolixo sobre a espantosa refeição que se seguiu. Coisas assim podem ser imaginadas, mas as palavras carecem da força necessária para que a mente aceite o horror de sua realidade. Basta dizer que, após aplacar em alguma medida a espantosa sede que nos consumia, bebendo o sangue do desgraçado, e atirar ao mar, por comum acordo, as mãos, os pés, a cabeça e as entranhas, devoramos o restante do cadáver à razão de uma parte diária durante os quatro inapagáveis dias que se seguiram, isto é, até o dia 20 daquele mês”.¹ Mais tarde, foram recolhidos pela goleta *Jane Guy*. Isso aconteceu em julho de 1827.

Sem saber em que direção continuar (porque também não sabia o que procurava), procedi do mesmo modo que com o assunto de Reynolds, procurando antecedentes. *A narrativa de Gordon Pym* foi publicada em Nova York em 1838. Assim, dispus-me a procurar a fonte inspiradora dessa cena, pensando em logo passar a outras do mesmo livro, procurando antecedentes, e assim até terminar com toda a *Narrativa*. Mas não foi necessário ir muito longe. Só encontrei dois casos de antropofagia em consequência de um naufrágio. O primeiro deles havia ocorrido em 1685, em São Cristóvão, nas Antilhas. Um grupo de naufragos tirou a sorte e, como

¹ Richard Parker escolheu o palito mais curto dos quatro que estavam em jogo. Imediatamente, foi sacrificado e seus três companheiros alimentaram-se de seu corpo durante alguns dias.

resultado, comeram um companheiro. Ao serem resgatados, foram julgados e enforcados. Desse modo, podia bem ser que Poe tivesse usado essa bibliografia para inspirar seu quadro, mas as pinceladas eram grossas demais. Prossegui com o segundo caso, e qual não seria a minha surpresa ao descobrir que não se tratava de uma fonte inspiradora, mas de um fato real plagiado sem pudor.

O iate *Mignonette* naufraga. Os quatro sobreviventes estão a ponto de morrer de sede e de fome. Deliberam, pensam em tirar a sorte, mas decidem que isso não é necessário, já que um deles não tem família para sustentar. Matam-no e durante alguns dias se alimentam de Richard Parker, até que são recolhidos pelo barco *Moctezuma*. É claro que a situação ocorre no mês de julho. Levados ao tribunal, são julgados, mas suas vidas são poupadas, dadas as circunstâncias.

Era clara a fonte, até em certos detalhes como este. Na novela, um dos sobreviventes não está de acordo com a realização do assassinato, e esse é precisamente Gordon Pym. No caso real, há um marinheiro chamado Brooks que tampouco está de acordo e, apesar de terminar participando do banquete, não é levado a julgamento. Enfim, as simetrias (não apenas em número e atitudes dos atores, resgate posterior, mês em que ocorrem os fatos e até nome e sobrenome repetido da vítima, Richard Parker) mostravam algo mais que uma coincidência. Porém, mesmo assim, sabendo indubitavelmente de onde Poe tinha tirado essa história, voltei a ficar às escuras com respeito à importância que ele parecia dar a Reynolds na hora de sua morte. Minha descoberta era interessante e a tinha obtido seguindo uma intuição, de acordo com essa tendência mental que eu parecia ver em Poe, mas não podia saber o motivo de sua alteração final. O que assinalava, então, com tal angústia? Ao que parece, a chave estava na novela, mas eu continuava sem entender o ponto...

Decidido a chegar ao fundo do assunto, procurei o livro em que se citava o caso da *Mignonette*. Não o encontrei nas livrarias, mas estava na biblioteca do Museu Britânico. Procurei a data em que tinha acontecido o incidente e, ao vê-la em letras de forma, não pude deixar de experimentar esse calafrio que percorre a espinha dorsal dos personagens de Poe: julho de 1884! Isso tinha acontecido 35 anos depois da morte do poeta, 44 anos depois da primeira publicação de *A narrativa de Gordon Pym* e 57 anos depois da data de ambientação da novela. Não era razoável. Fui aos jornais da época. Lá havia tudo relacionado ao julgamento. Tinha as fotocópias do *Flying Post* de Devon (3 e 6 de novembro de 1884) e do *Exeter and Plymouth Gazette* (7 de novembro de 1884). Fui mais longe e me foi permitido copiar as atas do julgamento em que aparecem muitas precisões. O iate *Mignonette* tem 19 toneladas. Naufraga a 1.600 milhas da Cidade do Cabo. Salvam-se apenas Thomas Dudley, capitão, o primeiro oficial Stephens, de 31 anos, e o marinheiro Brooks de 38. Com eles há um rapaz, Richard Parker de 17. Este último bebe água do mar e adoce gravemente. Ao fim de três semanas, decidem que um deve morrer, então Dudley perfura Parker com uma faca. No julgamento, o júri não consegue se pronunciar, e o caso é levado à Corte Real de Londres. São libertados após pagarem multas de 50 e 100 libras.

Não. Era impossível uma falsificação em cadeia que envolvesse jornais e cortes de justiça para que os fatos se adaptassem a uma novela. Assim, procurei ao contrário. Fui ao material da revista mensal que Poe dirigia e Thomas W. White editava: o *Southern Literary Messenger* de Richmond (janeiro e fevereiro de 1837). Depois, passei para a edição de Nova York de 1838 e às seguintes, que foram diversas, muito antes do caso de 1884, e nas quais não se tinham alterado nomes nem circunstâncias.

Reconsiderarei a situação. Antes da morte de Poe, suas pegadas desapareceram por vários dias e depois ele reapareceu em nossa dimensão, delirando. Chamava por Reynolds para que tratasse de alterar os fatos que ele tinha visto antecipadamente. Isso era duplamente impossível, porque Reynolds já tinha morrido antes dele, e porque os protagonistas da catástrofe ainda não tinham chegado ao mundo. Era, sem dúvida, um delírio... Ou será que necessitava deixar evidência de tudo o que aconteceu? Se fosse este o caso, o poeta havia escolhido a boa Margaret para que me comunicasse essa mensagem. Lançou sua garrafa às ondas do tempo há mais de 140 anos e o fez no dia de sua morte em Baltimore, em 3 de outubro de 1849.

FICÇÕES

SOFTWARE E HARDWARE

*Ó, Newton, Newton, o que terias sonhado,
se tivesses comido a maçã?*

Querido Michel,

Em poucos minutos, abandonarei a vila olímpica de Oslo. Quero que se lembre de mim como um bom amigo, mesmo que o tenha chocado, como me confessou uma vez, essa “monstruosidade” que sempre observou em minha conduta. Coloco em suas mãos estas lembranças em fragmentos porque nelas você poderá encontrar algumas das muitas explicações que lhe devo. Além do mais, faço isso como reconhecimento pelo tempo que você teve que aguentar este discípulo incompreensível e anormal.

Hoje brindo a você, que acaba de produzir o maior ginasta de todos os tempos! No futuro, quando comprovar que seus rapazes não conseguem superar minhas marcas, tente não mortificá-los; nem eles, nem outros rapazes no mundo poderão fazê-lo, já que as probabilidades estão contra essa tentativa. *Au revoir!*

O absurdo da gravitação universal

Ei-la, como sempre, a lei da gravidade. Eu sabia que alguma vez, ainda que fosse uma única, essa formulazinha de queda dos corpos no primeiro segundo, $G = 9m\ 7800$, não funcionaria. Entre as leis da queda, interessavam-me as referentes ao espaço e à velocidade. A primeira dizia que “os espaços percorridos são proporcionais ao quadrado do tempo que se leva para percorrê-los”. E a segunda: “a velocidade adquirida é proporcional ao tempo transcorrido na descida”. Por isso, desde a época da escola, quando trabalhava com os planos inclinados e as máquinas de Atwood, até me tornar o físico nuclear de hoje, passei um tempo pesquisando esse absurdo científico. Havia os balões, os aviões e os foguetes que saíam da Terra, a grade voadora de Minkowski, que se elevava por impulso iônico, os supercondutores e os campos eletromagnéticos opostos como promessa do antigravitacional. Mas, eu continuava na máquina voadora de Leonardo e no primeiro aparato dos Wright, uma linha que, começando nos sonhos noturnos, terminava nos livros de contos. Assim, foi fácil interpretar *O pequeno príncipe* de Saint-Exupéry e *Fernão capelo gaivota* de Bach como produções de dois indivíduos que tinham o mesmo ofício de aviadores em sua vida extra-literária e que estavam obcecados por liberar-se de $G = 9m\ 7800$.

Também caíram em minhas mãos as *Propostas para o próximo milênio* de Ítalo Calvino. O autor propunha a “leveza” como recomendação para os escritores do futuro. Citava Cyrano e Swift - um voando até a lua, o outro sustentando a ilha de Laputa com um ímã. Mencionava Kundera e acreditava ver em *A insustentável leveza do ser* o invencível peso do viver. Finalmente, dizia: “É certo que o *software* não poderia exercitar os poderes de sua leveza sem o peso do *hardware*, mas é o *software* quem manda, quem age sobre

o mundo exterior e sobre as máquinas”. Apesar disso, essa verdade levada às últimas consequências tê-lo-ia levado a catalogar como “desnaturado” o trabalho sobre o corpo humano considerado como simples *hardware* de um *software* inteligente. Calvino, como todo intelectual, não poderia saber na prática o que é o próprio corpo, e não teria compreendido que, graças ao trabalho sobre ele, teria alcançado a leveza que buscava.

A máquina começa a trabalhar

Desde pequeno, levavam-me a exibições e torneios, mas não tinha idade para frequentar a ginástica esportiva. Assim, passava horas fazendo as ridículas séries suecas, dinamarquesas e de calistenia, dirigido por professores que correspondiam a tais atividades. Aquele que não era velho, careca e gordo, como mínimo se apresentava de camiseta, com indecentes sapatilhas e calças largas cortadas nos joelhos. Certamente, vinha daí minha aversão por essa roupa esportiva relacionada com certos estilos culturais: calças de golfe e de montaria, shorts de jogadores de futebol e de rúgbi bundões que, finalmente, passavam para a moda como a monstruosa bermuda ou sua prima, a saia-calção. Qual seria minha surpresa anos depois ao me deparar com os campeões da Dinamarca, que criticavam a ginástica dinamarquesa; com a primeira linha da equipe ianque, que ria das bermudas; e com as ginastas alemãs, que se aborreciam com as saias-calções. “Sensibilidade comum”, diria a mim mesmo, e ficaria reconciliado com o Universo.

Um dia fiquei escondido nos vestiários ao terminar a aula do que chamavam de “educação física”. Depois, deslizando por corredores como os de um hospital, cheguei a uma escada. Subi e cheguei a uma sacada que se usava para observar

as exposições. Era uma ampla arquibancada que estava totalmente às escuras. Fiquei em um canto muito protegido e dali olhei o ginásio principal, que não era permitido para mim. Foi a visão do Paraíso! Paredes forradas com enormes espelhos, cordas, trapézios, barras, paralelas, cavalos com alças, argolas, trampolins... Ali estava tudo. Colchonetes a perder de vista, camas elásticas que permitiam voar a cada salto, fossos acolchoados para receber a saída de uma pirueta perigosa. Mas, o mais importante, ali estava a equipe de primeira categoria, em volta do treinador, que gritava como um louco: “A pontuação é força, velocidade, equilíbrio, ritmo, resistência, reação e elegância... Quem não tiver trabalhado algum desses itens perderá décimos, ou seja, perderá! E você, saco de batatas! Em ginástica não se pontua como nos esportes insignificantes, nos quais se acumulam gols ou pontos, mas se subtrai, desconta-se o erro cometido.”

Passaram-se meses, mas no mesmo dia de meu aniversário, mostrando o carnê ao cão Cérbero da entrada, vi como a porta vaivém se abria, e entrei triunfalmente. O cheiro de cera, magnésio, resina e colchonetes encheu meus pulmões como o ar do amanhecer. Mas bastou pisar nas madeiras lustradas para que uma mão me levantasse no ar, segurando-me pelas calças. “Faltam seus elásticos!”, gritou, e fui depositado fora do ginásio. Já os faria pagar por esse presente de aniversário! No dia seguinte, entrei de novo e ninguém me notou. Foi então que comecei a trabalhar realmente sob a direção de um professor que me encaixou na categoria “infantil zero”. Sob sua direção, um grupo de vinte aprendizes lutaria para não ser eliminado por inaptidão. Aos seis meses, restavam cinco da equipe inicial, e passamos para as mãos de outro preparador, enquanto o primeiro recebia uma nova leva. Nós cinco fazíamos um semicírculo na frente do torturador, que começou a nos olhar, um a um, de cima a baixo. “Faltam seus elásticos!”, gritou para mim.

Então, baixei-os, costurados como estavam por dentro da calça e passei-os por baixo das sapatilhas.

– Agora, diga-me seu nome. Nada de sobrenomes. Aqui só nome, idade e trabalhos anteriores.

– René, sete anos e meio, dois anos dessa “coisa”.

O professor arregalou os olhos. Quando repeti que a educação física anterior era uma “coisa” que eu recusava a chamar de “ginástica”, recebeu uma flechada *in cuore*. Imediatamente, passei a ser o preferido, começando a treinar o dobro do que treinavam os outros membros do grupo, servindo sempre como exemplo de péssimo praticante. Esse desafio me ajudou mais que qualquer treinamento. Desde o começo, encantou-me essa forma dura e sem hipocrisias adocicadas. Afinal de contas, eles queriam obter campeões e eu queria que meu corpo fosse o brinquedo à mão.

O retardado e a mosca

Desde meu nascimento até os quatro anos fui um menino retardado. Meus reflexos não respondiam bem e repetia qualquer tarefa sem dominá-la até que a compreendesse. Ou seja, se a tarefa fosse pegar um cubo, não importava quantas vezes eu a exercitasse, o resultado era sempre igual, ou seja, ruim. Eu voltava a fazer tudo sempre como se fosse a primeira vez e, por isso, tampouco aprendi a articular as palavras. Lembro como meus pais me estimulavam a dizer “mamãe” e “papai”, mas eu só via duas enormes bocas, ouvia seus sons e sentia seus estranhos desejos. Um dia, pousou uma mosca em meu rosto, depois voou e senti uma diferença entre a sensação que ficava e a que o inseto levou para o ar. Quando interpretei seu voo, decidi que minha mão a alcançaria, e fiz isso com tal velocidade que a enfermeira

que cuidava de mim saiu gritando para dar a boa nova. Mas, quando comecei a caminhar, aos três anos, já aprendia cada vez com mais perfeição, de maneira que, em pouco tempo, conseguia me equilibrar nos lugares mais insólitos. Acredito que algo similar aconteceu quando entendi a articulação da linguagem. Somente quando estava pronto e frente ao clima de opressão que sentia ao meu redor, coloquei em marcha a máquina da fala, a cada dia com mais habilidade e destreza. Como naqueles tempos corria a teoria do “amadurecimento” dos centros nervosos, chegou-se à conclusão de que eu era normal, mas que havia “amadurecido” mais lentamente do que o esperado. Dessa maneira, para evitar recaídas na idiotice, levaram-me a aulas de dicção, de representação teatral, música e calistenia. Se a intenção dessa boa gente era que eu respondesse aos códigos educativos, até os quatro anos foi impossível porque eu era retardado, e a partir dos cinco já havia tomado em minhas mãos as funções mais importantes.

Quando entrei na escola, voltei à temida imbecilidade porque não podia compreender como 2 era igual a $1 + 1$. Na verdade, agora mesmo continuo sem entender isso, porque dizer que duas representações diferentes são iguais é um mistério extraordinário. Logo, quando consertaram as coisas, explicando que não era igual, mas “equivalente”, e entendi qual era o sistema de convenções que utilizavam, a situação melhorou. Mas restava um problema: não podiam me pedir que me mantivesse atento a uma explicação sobre os heróis nacionais, se os mestres eram livros vivos e abertos. Em seus tons de voz, em seus gestos e movimentos corporais, em seus desequilíbrios emotivos, eu repassava a História do molusco até Napoleão. Solucionei esse problema tempos depois, quando comecei a me exercitar, escrevendo coisas diferentes com cada mão. Com a esquerda, resumia as explicações; com a direita, escrevia minhas observações sobre cada músculo e respiração do professor em questão. Até que,

finalmente, já podia fazê-lo diariamente sem escrever. Com o tempo, pude entender simultaneamente os temas e as situações de cada pessoa que se apresentava em um conjunto.

Adrenalina e tragédia grega

Na escola, entrava em todos os jogos, levando-os até o limite, rodeado de companheiros torpes que se cansavam ao primeiro esforço. Além disso, até os sete anos me interessei por todo tipo de esporte. Mas, quando ingressei na categoria infantil zero, comecei a descartar o músculo macio e de reação lenta do nadador, o músculo em bloco do boxeador e do halterofilista e o músculo fibroso do atleta. Só me sobrou algum respeito pela altura alcançada na vara e pelo salto ornamental. Contudo, no primeiro caso, subia-se apoiado em uma vara e, no segundo, faziam-se piruetas caindo como um chumbo. Estava claro que todos os esportes produziam uma formação muscular irregular ou davam velocidade a uma parte do corpo e lentidão a outra. Somente a ginástica alcançava o que eu buscava. Mas, nessa atividade não se tratava simplesmente de regime alimentício, de horas de treinamento diário ou de sono equilibrado, e sim da precisão de um programa que manejava o corpo. E estendia essa ideia a outras atividades com a prudência do caso. Se eu tivesse dito a meus mentores de representação teatral ou de música que meu principal interesse era transformar meu corpo em um instrumento altamente aperfeiçoado de um programa, teriam pensado que era outra de minhas piadas. Eles não compreendiam que minhas piadas apontavam ao mesmo objetivo. Por isso, quando aperfeiçoava o papel que representava em cada cena ou quando saltava no pentagrama compondo música, afinava, na realidade, cada músculo, e fazia cada víscera consciente. Uma vez, em *Medeia* de Eurípides, posicionei-me no cenário e, afinal, representando

Jason, disse: “Escuta, Zeus, as palavras dessa pantera sinistra! Coloco-te como testemunha de como me proíbe sequer tocar esses queridos cadáveres!” Por que o público aplaudiu minha arte com tal veemência? Direi de uma vez: porque eu soube aplicar a glicose, a insulina, a adrenalina e os hormônios à expressão dramática.

Da música extraí a compreensão do ritmo interno dos movimentos. No princípio, foi um metrônomo com o qual regulava as tesouras, contratesouras e duplos-passos no cavalo. Logo, comecei a cantarolar algumas melodias, enquanto lançava as justas em argolas. Posteriormente, utilizei fragmentos de Orff nas séries obrigatórias da competição. Ao final, programava as séries livres, sentindo meu corpo executar ordens dodecafônicas, em que cada músculo era um instrumento diferente harmonizado em sinfonia.

E achei que os soviéticos procuravam algo similar. Seguindo-os durante dias na câmara lenta do vídeo, reconheci o maquinismo de Prokofiev por trás de seus movimentos. Eles ainda estavam na etapa física de utilizar a música como apoio objetivo e não penetravam na função mental que transferia a imagem musical à ação corporal. De maneira simples, diria que eles trabalhavam com a percepção, enquanto eu, dia a dia, externalizava a representação. No entanto, aquela equipe foi adiantada para sua época, ao introduzir na concepção tradicional os movimentos da dança. Sua técnica entrou em choque com juízes ocidentais nas competições, mas, com o passar do tempo, essa escola foi se impondo até arrasar nos torneios. Por sua influência e com a chegada da ginástica artística feminina, as romenas terminaram de produzir aquela decolagem que surpreendeu o mundo.

Aos treze anos, eu era campeão juvenil em todas as disciplinas e já estava treinando a independência das sensações visuais. Vendado, passava de aparelho em aparelho, enquanto

media as distâncias com meus sensores internos; nesse meio tempo, a música fazia sua parte. Nessa época, aprendi que a corrida para tomar velocidade no salto sobre o cavalo e com corpo livre não devia ser feita nas pontas dos pés, como se ensina na ginástica, mas sim a partir da planta para frente, descrevendo um círculo imaginário com as pernas e diminuindo seu diâmetro em função da distância com relação ao ponto do salto. Os próprios saltos deviam seguir uma sequência calcanhar-planta-ponta, produzindo esses deslocamentos grandes e suspensos que se havia observado antes em bailarinos como Nijinsky, e que a crítica do balé considerou em sua época como “voos impossíveis”. Esses ainda não eram voos, mas movimentos simples em que se comprometiam abdutores, retos e vastos da coxa até os ligamentos anulares do tarso.

Outro ponto importante que aperfeiçoei foi a qualidade da resistência, melhorando a capacidade de prover oxigênio, eliminar anidrido carbônico e ácido lático e aumentar o rendimento de vários órgãos exigidos, como pulmões, coração, fígado e rins. Sobre a base do princípio de duração e intervalo, trabalhei a resistência geral anaeróbica, como Hegedüs a entendia e que outorgava resistência em débito de oxigênio útil para os esforços súbitos e para velocidade, diferente da resistência localizada em um grupo de músculos. Mas, depois de observar comportamentos que estudei em diferentes esportistas, convenci-me de que a falta de oxigenação cerebral produzida por treinamentos mal dirigidos levava-os à diminuição de algumas funções. Por isso, concentrei-me na respiração, que adestrei para que jamais estivesse retida, senão que, inspirando pelo nariz e expirando por entre os dentes, sempre funcionasse como um pêndulo que acompanhasse meus movimentos. Tampouco deixei que o coração passasse do que chamei de “limiar de ruptura aeróbica”, que cravei nas 180 pulsações por minuto.

Com paranóia não chegarás muito longe!

Periodicamente, tanto a Comissão Nacional de Esportes quanto o grande mestre Michel pediam-me que desse algumas recomendações aos ginastas do país. Desta vez, faria isso com a equipe que estava por viajar a Bruxelas para disputar a classificação regional.

No ginásio central, comecei a dar explicações ao grupo que, disposto em semicírculo, escutava e tomava notas. Desenvolvi a concepção clássica a que haviam de se ater para alcançar uma boa pontuação naquilo que os juízes chamavam de “elegância”. Para eles, elegância era o mesmo que pontas retas nos pés e nas mãos, junção de coxas, cabeça erguida, ombros baixos, entradas e saídas claramente marcadas... Mas, acrescentei que isso era somente a couraça da ginástica, que quando os gregos inventaram as Olimpíadas colocaram a alma no corpo. Consequentemente, os filósofos desenvolveram suas ideias nos ginásios e ali também se inspiraram pintores e escultores, tomando como referência a plástica corporal. O corpo era para eles algo que devia se humanizar e não simplesmente um objeto natural, como no caso dos animais. Mas logo interrompi o discurso, ao perceber nos ouvintes essa impaciência agitada pelo vedetismo e pela arrogância. Toda consideração era inútil, se não se referia estritamente a seus interesses imediatos. Certamente, queriam se sobressair como seres excepcionais.

Assim, estava diante de mequetrefes que se sentiam super-homens. Sabia muito bem que em suas turvas cabecinhas começava a se aninhar o sonho impossível dos campeões, segundo o qual se pode produzir quedas mais lentas que permitem introduzir exercícios cada vez mais complexos em uma série dada. Algo assim acontecia com virtuosos de outros campos, como Houdini, que treinavam com rigor cada vez maior para escapar de um encerramento, tentando romper

certos limites físicos. Nestes últimos, a luta era contra a lei de impenetrabilidade dos corpos, assim como em nossos bizarros rapazes era contra $G = 9m\ 7800$. Procurando diluir a síndrome paranóica, quis dissuadi-los de algo que era irrealizável, pelo menos para eles.

Então, disse: “As massas animadas de rotação tendem a se afastar de seu eixo, sendo a força centrífuga proporcional ao quadrado da velocidade de tal rotação. No Equador, a centrífuga é $1/289$ da intensidade de G , correspondendo 289 ao quadrado de 17 . Se o movimento circular é 17 vezes mais veloz que a rotação da Terra, G é nula. A rotação é de 1.665 km/h, portanto é necessário superar os 28.305 km/h para escapar da Terra. Agora, meus bons meninos, quando giram em grande volta na barra fixa, que velocidade média alcançam? Pois bem, cerca de 60 km/h. É toda centrífuga, já que a barra praticamente não exerce ação de gravidade. Se seu peso é 75 kg, a 60 km/h você exerce sobre a barra uma tensão equivalente a 300 kg. Quando você se solta no mortal de saída, pode chegar a subir muito mais alto que a altura da barra, fazendo três giros comprimidos em *roll* ou dois estirados em prancha. Existe um ponto morto que se apresenta quando você nem sobe nem desce... Em que momento isso ocorre? Logicamente, na metade da série de triplo mortal em *roll* ou duplo em prancha. E qual é a altura nesse momento? É claro que a máxima, sempre por cima da barra... Nesse instante, seu peso é zero. Porém, a gravidade faz com que você toque o solo antes de um segundo, já que está a menos de 9 metros e 78 centímetros de altura. Bem, lindos querubins, como vocês poderiam voar nessas condições deploráveis? Para começar, seria necessário poder dar seis giros em *roll* ou quatro em prancha, e isso só seria possível se a velocidade crescesse a 120 km/h e, portanto, o peso aumentaria a 600 kg, que vocês teriam que sustentar em duas mãos sem se soltarem antes do tempo. Ainda assim, alcançando mais

de 9 metros de altura sobre o solo, você logo cairia como um piano. Se, ao segundo giro, imprimisse grande quantidade de caracóis, ocorreria uma decomposição de forças parecida com a de um giroscópio que, com sua centrífuga, poderia igualar a G . Mas, teriam que ser feitos a tal velocidade que você perderia até a roupa, além de quebrar até o último os-sinho. Obviamente, haveria a elasticidade da barra, que poderia favorecer a saída, mas, de qualquer maneira, em menos de um minuto você estaria pisando o solo. Para piorar, ninguém efetuou mais de duas pranchas com um caracol de saída. Portanto, jamais se superará o segundo de tempo antes da queda. Assim, os sonhos que obsessionam os grandes da ginástica devem ficar reservados para quando suas cabececinhas lunáticas descansarem no travesseiro. Vamos, então, acabar com o mito de ultrapassar o instante limite da suspensão. Tenho dito!”

Olharam-me com ódio. O mesmo que tenho visto nos olhos dos físicos quando se confrontam com a velocidade limite a 299.792 km/s. Todos sabem que é assim, e assim eles também explicam. Mas, com que direito alguém vem insistir? Certamente, uma voz interna lhes disse que algum dia esses limites serão vencidos. Os físicos, diferentemente dos ginastas, não se permitem escutar seus desejos, a menos que em um descuido estendam sua mão e engulam a lustrosa maçã de Newton ou as maçãs celestiais de Rømer (conforme se trate de gravitação ou de velocidade da luz).

Um momento depois da anedota, tirei um dinamômetro digital que havia construído e coloquei seus dois terminais nos apoios centrais da barra. A seguir, pedi que se observasse com cuidado no visor o aumento do peso em função da velocidade. Pulei na barra, subi em vertical, ao mesmo tempo em que exigia a leitura em voz alta, e comecei a girar em grande volta. Um coro certificou: “280... 290... 150... 90... 50...”

Então, soltei o típico duplo mortal com caracol e caí cravado nas pontas dos pés no colchonete. Acontece que, conforme o aparelho indicou, à medida que acelerava, o giro começava a diminuir o peso... O que era um absurdo. Como ninguém perguntou nada, ficou claro que se havia pensado em um defeito na marcação do dinamômetro. Então, eles se limitaram a tomar nota da correção do exercício, com o qual a exposição teórico-prática terminou.

Essa estranha vibração

Durante muito tempo, dediquei-me a transformar meu corpo em uma espécie de imagem sonora, de maneira que, oscilando de dentro, cada célula expulsasse essa vibração em primeiro lugar para a barra, logo para os tensores, daí para o piso e, por último, para as paredes e para a massa de ar do ginásio. Tratava-se da alma da música traduzida na mais bela expressão da elegância corporal. Como um violão que vibra emocionado ao toque de uma corda e que transmite sua voz, fazendo ressonância com outros objetos e com o ouvido humano, meu corpo seria o instrumento nesse caso. No caminho, transmitindo a vibração aos corpos circundantes, a fonte emissora seria retropropelida.

Assim, chegou o dia no qual as Olimpíadas haveriam de se transformar em um evento artístico. Não contarei o que aconteceu ao longo da jornada em que consegui as máximas pontuações em todos os aparelhos de ginástica. Relatarei a parte final que, a meu ver, foi a melhor.

Diante do silêncio do público, a expectativa de juízes e ginastas, a atenção de milhões de telespectadores, encaminei-me lentamente para a barra. Pisei em um pedaço de resina pra que minhas sapatilhas não escorregassem no piso ao sair do colchonete, esfreguei as mãos no pó de magnésio

para anular toda possível transpiração, marquei a figura de entrada abaixo da barra e, inspirando, pendurei-me nela. Em poucos segundos, desenvolvi vários exercícios, chegando ao final da série. Colocado em vertical, comecei a grande volta. Nos primeiros 90 graus do giro, já estava sintonizado; aos 180, começaram as ondulações de dentro até toda a massa muscular; aos 270, a barra começou a vibrar seguindo minha representação interna; aos 360, chegava novamente à vertical e expandia-se uma onda em direção aos tensores e ao piso do ginásio. Comecei a segunda volta a uma velocidade desmedida, invertendo os mecanismos mentais que indicaram: “*agufirtnec ahnim rop oluna euq a é atnoc euq edadivarg a e oxie uem é arrab a euq áj ,(l mes 88170500,0 + 75520199,0) 2ip = g edutital ad ones od odardauq oa etnem-lanoicroporp ,arreT ad osac on ,olop oa rodauqe od ecserc euq oãçareleca ad oãçalsnart a ocuop em-atropmI. 2 - (R/a + 1)g = (R/a + 1) / 1g = 'g euq me ,2 (a + R) :2R ::g :g ,iunimid osep o otnauqne edadicolev a otnemua ,edecorter megami ahnim otnauqne ,oproc o moc oçnava ,suarg 09 soA*”. Mas já aos 180 graus, introduzo a sinfonia que escolhi para a ocasião, contando, além disso, com que fosse facilmente reconhecível pelo público... “Uma concessão – pensei –, mas é bom que todos desfrutemos.” Nesse momento, enquanto fazia meus cálculos, já havia escutado velozmente o terceiro movimento da sinfonia e chegava ao quarto, deixando para trás o barítono e as quatro vozes. A barra ondulou. Os tensores, o piso e as paredes começaram a amplificar a emissão. Assim, substituí as vozes humanas por metais ao vento, depois do grande caldeirão da partitura mental. E, colocando tudo em fá maior, estourou *A Coral* de Beethoven com sons luminosos nos quais não se reconheciam nem coros nem metais convencionais... Todo o ambiente inundou-se de música; o público saltou dos assentos como impulsionado por molas; os papéis dos juízes voaram pelos ares e vários ginastas

caíram de costas, dando com o traseiro nos colchonetes, pisos de madeira e recipientes com magnésio. Passei uma segunda vez pelos 360 graus, enquanto me divertia com a ridícula *Ode de Schiller* que Beethoven havia musicado – “Ao Querubim lhe é dada a contemplação da Divindade! Ao mísero verme lhe é concedida a voluptuosidade!” – e que no original estava disposto em outra ordem: “*Wollust ward dem Wurm gegeben und der Cherub steht vor Gott!*” Os lindos querubins rodavam pelo solo como míseros vermes com a bunda empoeirada de magnésio...

Finalmente, aos 270 graus da segunda volta, soltei a saída e, girando como um pião em caracóis velozes, subi em mortal em prancha e, assim, três vezes mais, até chegar ao ponto morto a mais de 10 metros de altura sobre o solo. Então, comecei a descer como esses foguetes que lentamente pousam na Lua. Em cinco longos segundos pousei nas pontas dos pés sobre o colchonete e dei por terminada a série. Aproveitando o desconcerto geral, escapuli rapidamente, ao mesmo tempo em que um sujeito vociferava: “Abaixem a música! Perturbaram uma série extraordinária com as caixas acústicas de alta potência!... Irresponsáveis!”

Agora estou neste quarto, terminando de escrever com a mão direita, enquanto tento atravessar a madeira da escrivaninha com o indicador da mão esquerda. E me pergunto: terei que aceitar a lei de impenetrabilidade porque a percepção me mostra que um corpo não pode estar em um lugar ocupado por outro?

A CAÇADORA

O radiotelescópio do monte Tlapán

A diretora do observatório, Shoko Satiru, terminou seu trabalho do dia. Nesse momento, o relógio vibrou suavemente. Eram 9 horas da noite. Saiu de seu macacão e lembrou-se da chegada de Pedro. Fazia dois anos que repetia a cerimônia das terças-feiras: terminado o ajuste do telescópio, descartava a capa amarela brilhante, arrumava os cabelos e comparava suas feições asiáticas com as da foto que havia colocado no espelho em um ângulo determinado. Admirava sempre esse rosto asteca parecido com o seu. A imagem da Caçadora, como os arqueólogos a chamavam, havia sido esculpida em pedra dura 700 anos atrás. A figura de perfil sustentava em uma mão um objeto retangular do qual saía uma barra muito fina que os estudiosos haviam identificado como um arpão de caça. De resto, ninguém deu boas explicações para a estranha vestimenta nem para o penteado, que podia ser o antigo emplumado asteca, mas que para o olho ignorante parecia um simples ondear de cabelos empurrados pelo vento. No sítio arqueológico, ela conheceu Pedro que, ao lhe dar uma foto da Caçadora, murmurou muito

lentamente: “Agora sei quem és”, e essa frase havia iniciado uma relação exultante.

Shoko se preparava mais uma vez para ir ao povoado acompanhada. Em seguida, escutaria os pneus do automóvel sobre o cascalho, serpenteando pela última encosta que terminaria na explanada do observatório. Pedro chegaria até a entrada, o pessoal de guarda mostraria sua imagem no circuito fechado, conversariam rapidamente e, em pouco tempo, haveriam de estar juntos lá embaixo, em meio a uma noite cálida e estrelada.

Mas, desta vez, o ritual das terças havia sido alterado. Pedro, sem se apresentar no visor, subiu até a cúpula. As portas metálicas se deslocaram e ele entrou rapidamente.

– Shoko, você tem que consertá-lo. Se o enviarmos à cidade demorarão vários dias até colocá-lo em condições. Você tem aqui todas as ferramentas do mundo e sabe como fazer isso. Sem o controle remoto, teremos que abrir e fechar manualmente o portão do sítio. “Claro que sim”, respondeu ela, “claro”. Então, depois de diminuir o som dos monitores, pegou o controle e o levou até uma mesa de trabalho. Instintivamente, tirou do cabide o macacão amarelo e, em um segundo, estava dentro dele. Soltou os cabelos e começou a operar os instrumentos.

– Um curto-circuito o desativou – resmungou apenas. Na varredura do osciloscópio viu o defeito. Enquanto trocava o transistor defeituoso, a fantasia com Pedro voava entre lábios e arquejos, entre a pele e a ardente profundidade de corpos que se encontram...

– Temos que ajustar novamente a frequência de emissão para que funcione em 4 metros, 4 centímetros, 5 milímetros.

Ela trabalhava com o fanatismo de uma brilhante engenheira

em telecomunicações, tão apreciada pela *Company* de seu distante Japão.

– Imagine... Nenhum circuito integrado. Este primitivo brinquedo de transístores funciona a poucos passos de distância, enquanto nos radiotelescópios recebemos sinais emitidos de milhares de anos-luz... 4 metros, 4 centímetros, 5 milímetros, algo mais que 168 megahertz. Está pronto!

Puxando a antena do controle, apertou o botão de contato. Imediatamente, as luzes do laboratório piscaram. Sentiu-se um golpe surdo nos motores da cúpula, e as antenas parabólicas do radiotelescópio começaram a rodar, buscando uma mensagem distante que chegava até ali vindo das estrelas. Enquanto a iluminação geral diminuía, os monitores faiscavam. Talvez por esses efeitos contrastantes, Pedro teve a sensação de perder Shoko através de um túnel estroboscópico. Ela se distanciava com o rádio controle na mão, empurrada por um vento azul elétrico. Mas, nesse instante, os vinte monitores se recuperaram para mostrar o perfil da Caçadora.

Rapidamente, a cúpula foi inundada por um tumulto de gente que, a princípio, plantou-se estupefato diante das telas. Logo, o pessoal tentou acionar os controles do radiotelescópio, mas a queda de energia o manteve travado. Os telefones tocaram e de diversos observatórios asseguraram que a emissão com a figura humana partia dali mesmo, do radiotelescópio do monte Tlapán. Realmente, diversos pontos de observação distribuídos pelo mundo estavam conectados, de modo que, simultaneamente, em cada lugar se recebia a imagem detectada pelos outros integrantes da rede. Assim, apesar da queda de tensão, o monte Tlapán continuava a emissão para seus pares. A dificuldade estava em determinar de qual ponto este havia recebido a imagem da Caçadora. Oito minutos depois de iniciada a perturbação, restabeleceu-se o nível do fluido elétrico e, com a

normalidade, a figura desapareceu. Os traços estelares dos diferentes radiotelescópios se instalaram novamente nos vinte monitores.

Shoko se libertou do macacão. Rapidamente, desceu até a esplanada, seguida por Pedro. O carro começou a se movimentar no momento em que ela apertava, nervosamente, o controle remoto e a fotografia resgatados da cúpula. Em meio a uma noite cálida e estrelada, o veículo começou a descer em direção às luzes distantes do povoado.

A frágil memória

Apenas depois de entrar no casarão, iniciaram o diálogo.

– Vi uma sequência de disparos luminosos, parecida com a de luz estrobo em danceterias; nelas, os que dançam parecem mover-se em “saltos”. Nesse caso, era sua silhueta que parecia se distanciar velozmente ao ritmo de lampejos azuis.

– O que você está dizendo, Pedro? Está falando de uma frequência próxima a 16 ciclos por segundo. Essa intermitência não poderia ter saído dos monitores.

– Talvez. O certo é que, simultaneamente, tive a sensação de ser impulsionado na direção oposta por uma espécie de vento, ao mesmo tempo em que sentia um forte cheiro de ozônio.

– Sua descrição não é precisa. Não consigo entendê-lo! – gritou Shoko à beira de um ataque histérico. Então, Pedro abraçou-a com carinho e lentamente explicou:

– Você se deslocava em direção oposta a mim, por um longo túnel. Não durou mais de dois ou três segundos, mas quando você voltou e eu a vi com o controle remoto na mão tive certeza que você era a Caçadora. Agora já não é uma frase

como no princípio... Há dois anos não falamos do que hoje foi jogado em nossa cara.

Ela soluçou, mas recompondo-se logo interrompeu Pedro.

– Voltemos ao princípio. Sei que algo aconteceu, mas não tenho referências para determinar o tempo transcorrido. Devo ter sofrido um fenômeno parecido com o sono, do qual se sai sem lembrar-se de nada. Para mim, houve uma suspensão temporal, para você passaram alguns segundos de experiências sem interrupção. Em seguida, a imagem ficou congelada durante oito minutos.

Pedro sugeriu colocar tudo por escrito para examinar no dia seguinte, e assim fizeram. Logo depois, esgotados, caíram na cama, levando consigo uma mescla de perplexidade e desolação. Pouco depois, ele dormia profundamente.

Shoko se debateu em uma letargia contraditória. No alto do monte Tlapán não havia o observatório, mas à sua frente um homem deslumbrante vestido ao estilo asteca. Este, como um luminoso escultor, transferiu instantaneamente seus traços a um bloco de pedra. A roupa, o controle remoto e os cabelos ao vento ficaram expressos na pedra, mas a imagem se movia como se estivesse viva. Então, ele explicou, sem palavras, algo que se referia ao equilíbrio da Terra que devia se restabelecer pela ação de um aparelho que ele deixaria em um lugar durante séculos. Ela, involuntariamente, haveria de acelerar esse processo, colocando em perigo toda a obra. Era necessário reverter uma parte da energia excedente, contraindo-a até convertê-la em matéria. Esse processo a levaria de volta ao ponto original do trabalho, e o próprio destino haveria de continuar todo o relacionado com o instante do acidente. Era um modo de reordenar as coisas sem provocar uma cadeia de eventos que afetariam sistemas mais amplos. Shoko acreditou entender que sua memória

do tempo profundo também ficaria acorrentada em séculos anteriores a seu próprio nascimento por um fato que produziria no futuro. Mas, o ser radiante abriu completamente as mãos e ela foi expulsa novamente para seu mundo.

Saltaram da cama no instante em que o chão ondulava e os móveis rangiam. Estava tremendo. Chegaram ao amplo pátio quase ao final do movimento de terra. Amanhecia e uma brisa se agitava na direção de Tlapán.

O calendário asteca

Até o ano 1300, a zona de Tlapán havia sido um ponto importante do Império Asteca. Ali havia sido conservado o livro pintado que contava a história da grande viagem pela escuridão dos que chegaram e formaram o povo original. O deus Quetzalcoatl havia descido em um monte dessa zona e daí viajava para diferentes lugares da Terra. Também ali ensinou por um tempo tudo-o-que-há. Mas, em um amanhecer, outros deuses vieram buscá-lo, montados em uma enorme serpente emplumada. Antes de partir com eles, deixou como presente a nave voadora na qual havia descido, mas a escondeu em um ponto conhecido apenas por poucos sábios. Os descendentes destes saberiam o que fazer no momento oportuno, porque suas instruções ficaram gravadas em um disco de pedra. Mas, se alguém cometesse um erro, a nave voaria ao reencontro de seu amo. Assim, Quetzalcoatl e os deuses se afastaram dos mortais, voando para o brilho da alvorada. Um século depois, Moctezuma II chegou a Tlapán, convocando os sábios para que desvendassem o segredo de Quetzalcoatl, já que essa desagradável história corria por todo o Império. Então, os astutos súditos explicaram que se havia exagerado o significado do disco de pedra. Na realidade, tratava-se de um calendário tão útil à previsão dos ciclos

astronômicos quanto à determinação dos momentos aptos para semeaduras e colheitas. Com o beneplácito do imperador, Tlapán foi confirmado como o melhor ponto de observação dos destinos e dos astros. Em todo caso, a região foi abandonada posteriormente, com a chegada do homem branco.

Mas a verdade climática e geográfica, deformada pela lenda, foi restabelecida séculos depois, quando se instalou em determinada altura da zona, conhecida como “monte Tlapán”, um dos radiotelescópios da cadeia mundial. Além disso, a região foi declarada de interesse histórico e em particular o sítio arqueológico situado nos arredores do observatório. Dessa maneira, o pessoal de ambas as localizações se cruzava no caminho e coincidia em um povoado monótono, contando histórias de estrelas e reinos fabulosos. Não era estranho, então, que encontrassem no sítio o chefe dos arqueólogos e uma turista japonesa que, trabalhando a pouca distância, quis conhecer a história do lugar.

Rocha e tempo

Saindo do casarão, seguiram em direção aos montes. Primeiro, chegaram ao sítio. Era cedo e as equipes de trabalho não haviam chegado, mas os cuidadores saíram para recebê-los com um tom de alarme na voz.

– Dom Pedrito, esta noite houve um tremor muito forte, seguido de um vento que nos arrastava. Não quisemos entrar nos recintos, mas pode ter caído algo lá dentro.

– Não se preocupe Juan, vamos verificar.

De um dos lados, erguia-se a pirâmide escalonada de vértice truncado. Subiram pelos degraus e no terraço se depararam com o portão que protegia a entrada. Pedro puxou a antena

do controle remoto e, ao apertar o botão, o motor obedeceu, deslocando a pesada folha metálica. Logo houve uma suave palmada nas costas de Shoko: “Bravo!”

Entrando no recinto, Pedro acendeu as luzes. Cavaletes, bancadas, armários e prateleiras repletas de material arqueológico enchem o lugar. Em um canto pouco iluminado, a placa mostrava em tamanho natural a Caçadora. Os recém-chegados ficaram estáticos por um momento, contemplando a figura. Em voz baixa, Shoko perguntou pelo lugar em que havia sido encontrada. Pedro respondeu com uma história que começou no monte Tlapán durante as escavações para as fundações do observatório. A pedra havia sido baixada posteriormente ao sítio e novamente elevada até o lugar atual.

Um novo tremor de terra abafou a voz de Pedro. O ruído das vasilhas de cerâmica batendo umas nas outras, o rangido das paredes de pedra e o vibrar do portão metálico se fundiram com o pêndulo das lâmpadas suspensas por longos cabos. Nesse momento, entre a paralisia e a fuga, viram como a imagem da Caçadora se movia, quase se espreguiçando, enquanto uma suave fosforescência banhava toda a placa. Depois, pareceu que o baixo relevo havia perdido algo de sua impecável nitidez, como se de repente a ação do tempo tivesse sido iniciada. Shoko sentiu que algo profundo começava a funcionar em sua memória.

Nesse meio tempo, a equipe de trabalhadores havia chegado com o alvoroço de sempre. Algum tempo depois, já na base da pirâmide, Pedro dava instruções para reforçar a proteção dos materiais diante de um possível terremoto.

Abandonaram o sítio e se dirigiram para o monte. No trajeto, ficou evidente que o vento aumentava de intensidade, chegando a Tlapán vindo de todas as direções. Em pouco

tempo, chegaram à explanada do observatório. Shoko desceu apressada e Pedro ficou esperando, pacientemente, no carro. Afinal, ela saiu do observatório, entrou no carro, suspirou e, reclinando-se no banco, começou a comentar que as coisas se complicavam ainda mais, que agora, depois de cada pequeno tremor, os circuitos se sobrecarregavam e que o vento não parava desde a noite anterior, criando uma nuvem de poeira em suspensão que gerava falsos traços radio-estelares. Ela mesma teve que trocar dois estabilizadores de tensão e devia regressar ao povoado para pedir a reposição. Não queria ir de helicóptero, de maneira que iria em seu carro ou em uma das caminhonetes do complexo. Beijaram-se, marcando um reencontro para essa mesma noite no casarão.

A culpa é da Sierra Madre

“Informe da comissão investigadora do incidente intitulado ‘retransmissão por eco’. Encarregados da observação de campo, Dr. M. Pri e Prof. A. Gort.

Às 21h12 do dia 15 de março de 1990, o complexo astronômico do monte Tlapán deixou de retransmitir sinais radio-astronômicos. Na rede, que nessa hora ligava as estações de Costa Rica, Sidney, Sining e Osaka, detectou uma emissão de vídeo que provinha do observatório afetado. Durante oito minutos, foi observada uma figura humana fixa, em vez dos lampejos estelares habituais. Na investigação aberta, os técnicos informaram que o sistema automático de rastreamento focalizou acidentalmente a NGC-132, recebendo sinais de uma fonte de rádio situada a 352 anos-luz. A Dra. Shoko Satiru declarou que os 17 membros de sua equipe concordaram que houve uma queda de tensão durante oito minutos, sendo restabelecido o sistema a partir desse momento. De acordo com o anterior, o monte Tlapán deveria ter ficado

silencioso em toda a rede. No entanto, a emissão de uma imagem de vídeo a partir desse ponto nos faz considerar a possibilidade de um eco televisivo comercial ter interferido em Tlapán, substituindo o sinal da fonte estelar por sua própria emissão. Fenômenos desse tipo foram registrados anteriormente e foram atribuídos a rebotes televisivos no contraforte da Sierra Madre del Sur.

Não tendo outros elementos a acrescentar, saudamos os senhores.

Atenciosamente.

M. Pri e A. Gort

México D. F., 20 de março de 1990”

Haviam-se passado cinco dias desde o fenômeno do observatório. Os tremores de terra ocorriam com maior frequência e intensidade. A princípio, os sismólogos da Cidade do México responsabilizaram a conhecida Sierra Madre. Conhecia-se uma falha pela qual, periodicamente, deslizavam placas tectônicas, produzindo cataclismos de magnitude. Mas, logo as coisas haviam mudado. Uma vasta zona de Tlapán estava rodeada por medidores e sismógrafos. O exército estendeu um cordão para evitar que os curiosos, vindos de todas as partes, aproximassem-se de lugares perigosos. Agora se tinha certeza de estar registrando uma atividade vulcânica subterrânea que, se prolongada, causaria uma explosão. Os gráficos mostravam uma curva que se tornaria exponencial em pouco tempo. A princípio, os sismos se repetiam a cada doze horas, depois a cada oito e assim sucessivamente. O observatório e o sítio foram evacuados e só se viam, com binóculos, furtivos apresentadores de TV que se arriscavam além da conta.

Ao entardecer, Shoko e Pedro mostraram suas credenciais e, depois de muito rodeio, receberam permissão para transpor o cerco e se aproximar dos montes. A poucos quilômetros de Tlapán, saíram do caminho e estacionaram em um rio seco, buscando proteção contra o vento que às vezes soprava violentamente.

Retorno aos céus

Até a meia-noite, o vento e as ondulações de terra haviam parado. Pedro tentou dar partida ao motor do carro, mas este não respondeu. A noite cálida e bonita os animou a subir até o caminho. A Lua e as estrelas eram suficientes para caminhar sem tropeços. Então, pararam bruscamente. Os cabos de alta tensão que levavam energia para a zona zumbiam gravemente, ao mesmo tempo em que desprendiam um brilho azulado ao longo de todo seu trajeto. Diante deles, o monte Tlapán mostrava sua silhueta banhada de resplendores. Se estivessem no norte do mundo, poderiam garantir que a aurora boreal, caindo na vertical, dançava mudando de cor continuamente.

Prudentemente, sentaram-se em algumas pedras para contemplar o espetáculo e logo notaram que as luzes do povoado oscilavam, seguindo os resplendores do Tlapán. Quando este aumentou seu brilho, o povoado ficou, definitivamente, no escuro.

Então, revisaram suas ideias confusas. O controle de rádio produziu uma harmônica que ativou os motores do radiotelescópio. Este, varrendo fontes de rádio, parou exatamente em NGC-132, distante a 352 anos-luz, captando imagens produzidas há 704 anos, nesse mesmo lugar. Ocorreu que o ponto entrou em ressonância com ele mesmo, até que o giro terrestre deslocou a paralaxe do feixe luminoso em oito

minutos. Mas, para isso era necessário que se tivesse estado ali, efetivamente, 704 anos antes. Isto era inacreditável. Mas também podia ter ocorrido que o controle houvesse ativado um gigantesco amplificador de energia que estivesse no observatório ou próximo a ele. Nesse caso, poderia ter elevado os microvolts das descargas cerebrais em uma frequência de 16 ciclos por segundo, de acordo com os efeitos estroboscópicos observados. Ou seja, o amplificador teria capacidade para projetar as imagens trabalhadas nesse momento por um sistema nervoso próximo, por exemplo, de quem pensasse na foto da Caçadora. Tais imagens amplificadas poderiam ter interferido no radiotelescópio. Sabemos que esse amplificador se ativou fazendo uma absorção iônica que acabou deslocando camadas de ar em rajadas de vento. Além disso, a perturbação elétrica provocada por sua absorção rompeu a resistência ôhmica entre as placas geológicas, expondo-as a uma maior condutibilidade e provocando deslocamentos entre elas – daí os tremores de terra. Pois bem, o amplificador começou a funcionar, mas é impossível que ele exista. O salto ao passado também é impossível e, além disso, inimaginável como hipótese. Tudo resulta em contradição, do início ao fim.

Tlapán aumentava sua luminosidade à medida que se aproximava o amanhecer, e quando o planeta Vênus emergiu no horizonte se começou a escutar um rugido que foi crescendo até se tornar insuportável. As torres de alta tensão balançavam e muitas foram arrancadas de suas bases. Pedro e Shoko se apertaram contra o chão quando começaram a sentir um forte terremoto. Tlapán liberava relâmpagos cada vez mais intensos até que, de repente, sua cúspide voou como se tivesse sido dinamitada... O observatório havia desaparecido e logo o monte se rachou como uma casca de ovo. Enormes fragmentos caíram ao seu redor e logo se fez silêncio.

Uma gigantesca massa metálica começou a subir lentamente do lugar onde havia estado o monte. Fulgurando em labaredas de cores mutáveis, subiu cada vez mais até se apresentar como um enorme disco. Logo, começou a se deslocar até os observadores aterrorizados. Durante algum tempo, parou sobre eles e estes viram o símbolo de Quetzalcoatl na nave. Por fim, o disco partiu repentinamente, afastando-se em direção ao brilho da alvorada. Então, a memória profunda de Shoko ficou liberada e ela compreendeu que a Caçadora havia se liberado para sempre de seu cativeiro na pedra.

O DIA DO LEÃO ALADO

Para Danny

Os equipamentos e programas de espaço virtual vendiam bem. Entre os compradores, os estudantes de História e Ciências Naturais acabaram sendo beneficiados. Mas, aumentava a demanda de um amplo público que preferia sua dose de entretenimento, em vez de longos passeios entre pirâmides egípcias ou a fauna e a flora amazônicas. Era possível realizar viagens solitárias, acompanhadas ou guiadas. No entanto, muitos preferiam dispor de um seletor de opções que aparecia com o simples mover de um dedo. O catálogo era variado. De adaptações de filmes antigos, nos quais os protagonistas eram os próprios usuários, passando pela conversão de *video games* que permitiam combater no espaço, até cenas de amor com os ícones da época. Era como participar de uma história em quadrinhos ou de uma história cheia de estímulos tão reais que frequentemente ocorriam enfartes, quando alguns fanáticos do terror usavam programas não recomendados pelo Comitê para Defesa do Sistema Nervoso Débil. Os computadores admitiam os programas

mais absurdos, e nessa atmosfera apareceram piratas que introduziram vírus virtuais, provocando dissociações de personalidade e acidentes psicossomáticos. Era tão simples colocar capacete e luvas, ligar o computador e escolher um programa, que as crianças faziam isso diariamente nas horas dedicadas a viajar.

Uma seção do Comitê para Defesa do Sistema Nervoso Débil

Na seção, todos usavam nomes de guerra. Era uma prática asséptica. Alpa organizava o plano de trabalho e supervisionava o Projeto, coordenando atividades entre os membros de uma equipe que havia sido formada ao longo de anos. Havia sido recrutada nos Alpes por sua curiosa forma de treinar grandes esquiadores. Enquanto outros professores insistiam em um esforço físico sustentado, ela reunia seus alunos em uma sala onde projetava repetidamente imagens do slalom gigante ou do grande salto branco. Apresentado o cenário e o percurso de cada prova, deixava tudo às escuras e pedia aos participantes que imaginassem repetidamente cada movimento e cada deslocamento pela neve. Às vezes, acompanhava essa prática com uma música suave que depois, durante o sono, inundava o refúgio. Assim, houve casos em que alguns, não tendo saído às pistas antes da competição, deslocavam-se nesse dia como se sempre tivessem vivido no lugar.

Ténetor III soube de Alpa por um comentário feito em um vídeo especializado em esportes de inverno. Intrigado com o caso, dirigiu-se a Sils-Maria e ali estabeleceu contato com ela.

O último membro incorporado foi Seguidor, encarregado do pessoal de tecnologia avançada. Este, com Hurón e Faro, formavam um conjunto que só podia se reunir graças ao cuidado

da inefável Jalina, especialmente dotada para a criação de ambientes humanos suaves. Sem dúvida, Téneter III, como especialista em comunicações, era o nervo de uma atividade que Alpa definia em cada caso, antepondo o cumprimento de metas e cronogramas. A equipe ficou configurada como uma seção do Comitê para Defesa do Sistema Nervoso Débil e, graças ao fato de que Téneter era precisamente o diretor dessa instituição, o grupo pôde atuar sem sobressaltos.

O Projeto

No final do século XX, alguns cientistas encabeçados por um obscuro funcionário da UNESCO tinham chegado à conclusão de que, em poucas décadas, 85% da população mundial seria analfabeta funcional. Calcularam que o analfabetismo primário seria erradicado em pouco tempo, ao passo que grandes massas humanas trocariam progressivamente os livros, revistas e jornais pela TV, vídeos, computadores e projeções holográficas. Aquilo, em si, não representava um grande inconveniente, já que a informação seguiria fluindo em maior quantidade do que em qualquer outra época e a uma velocidade crescente. Mas, o aumento de dados desestruturados não apenas impactaria os indivíduos isolados, como também haveria de terminar influenciando os esquemas de todo o sistema social. Do ponto de vista da especialização, as perspectivas eram interessantes, já que se condicionava um trabalho analítico e passo a passo, seguindo o esquema computacional. Contudo, a inaptidão para estabelecer relações globais coerentes seria evidente.

Nessa época, a desconfiança com relação a sínteses do pensamento havia avançado tanto que qualquer conversa sobre generalidades, mantida por mais de três minutos, era qualificada pejorativamente de “ideológica”. Na realidade, qualquer tentativa que se fizesse para alcançar globalidades

terminava penosamente. Só se podia manter a atenção sobre temas específicos e, tanto nos institutos de ensino quanto no trabalho diário, reforçava-se esse hábito. Os historiadores estudavam as ligas metálicas dos anéis de Etrúria para explicar o funcionamento daquela sociedade, e os antropólogos, psicólogos e filósofos serviam aos computadores de análise gramatical. Tal era a externalidade e o formalismo pontual do pensar e do sentir, que cada cidadão vivia urdindo como ser individual e original em algum detalhe de sua vestimenta. Enquanto a medicina e o lazer avançavam, todo o demais era secundário, tão secundário quanto o destino daqueles povos e comunidades que degeneravam por não se adaptarem à nova ordem mundial, tão secundário quanto as vidas das novas gerações que se sangravam em uma competição vil, tentando alcançar sua miragem de curta duração. Além do mais, há décadas havia se esterilizado a capacidade para formular teorias científicas gerais, e tudo se reduzia à aplicação de tecnologias que, em apertado tropel, corriam em qualquer direção.

Assim, o funcionário da UNESCO apresentou um informe e solicitou ajuda para estudar essa patologia social e suas tendências em médio prazo. Imediatamente, destinou-se a ele um orçamento considerável para a pesquisa, talvez porque aqueles que decidiam entenderam que esse esforço haveria de servir para o aperfeiçoamento de técnicas de eficiência. Graças a esse mal-entendido, foi possível trabalhar durante anos. Finalmente, ficou constituído o Comitê como organismo paracultural habilitado para fazer difusão e dar recomendações aos países que, através das Nações Unidas, sustentavam a UNESCO.

Décadas depois, desaparecida a UNESCO, o Comitê continuou funcionando, sem saber bem por quem era apoiado. De qualquer maneira, caracterizou-se como uma instituição

de interesse público, sustentada mundialmente por particulares de boa vontade. O Comitê produziu informes anuais que ninguém considerou seriamente, mas, além dessas atividades, direcionou suas investigações para o desenvolvimento de um modelo de comportamento humano isento das dificuldades que se via crescer diariamente. Nesse período, o Comitê considerava que um tipo de educação e de informação desestruturada já estava bloqueando certas áreas cerebrais, provocando os primeiros sintomas de uma epidemia psíquica que seria incontrolável. O “Projeto”, como foi chamado por seus gestores, devia considerar a possibilidade de produzir um “antídoto” capaz de desbloquear a atividade mental. Mas, naquele momento, não se sabia ainda se era necessário desenvolver procedimentos de treinamento fisiológico, se se tratava de sintetizar substâncias químicas benéficas ou se seria melhor dedicar-se à criação de aparelhos eletrônicos que permitissem alcançar o objetivo. O certo era que, aos poucos, milhões de seres tornavam-se bloqueados para a atividade coletiva. Esses seres, cada vez mais especializados e cada vez menos aptos a raciocinar sobre suas próprias vidas, terminariam por desarticular toda a sociedade que, já sem nenhuma meta, debater-se-ia no suicídio, na neurose e no pessimismo crescente.

Aquele obscuro funcionário, antes de morrer, assumiu o nome de Téneter I, deixando o Projeto nas mãos de seus colaboradores imediatos.

A argila do cosmos

Quando a superfície deste mundo começou a esfriar, chegou um precursor e escolheu o modelo de processo que haveria de se autosustentar. Nada lhe pareceu mais interessante que planejar uma matriz de n possibilidades progressivas

divergentes. Então, criou as condições para a vida. Com o tempo, os traços amarelados da atmosfera primitiva foram se tornando azuis e os escudos protetores começaram a funcionar dentro de faixas aceitáveis.

Depois, o visitante observou o comportamento das diversas espécies. Algumas avançaram para terras firmes e timidamente foram se acomodando a elas, outras retrocederam novamente para os mares. Numerosos engendros de distintos meios sucumbiram ou continuaram sua transformação aberta. Todo acaso foi respeitado, até que, enfim, ergueu-se uma criatura de dimensões animais medianas, capaz de ser absolutamente aprendiz, apta para passar informação e armazenar memória fora de seu circuito imediato.

Esse novo monstro havia seguido um dos esquemas evolutivos adequados ao planeta azul: um par de braços, um par de olhos, um cérebro dividido em dois hemisférios. Nele, quase tudo era elementarmente simétrico, como os pensamentos, sentimentos e atos que haviam ficado codificados na base de seu sistema químico e nervoso. Ainda levaria algum tempo para a ampliação de seu horizonte temporal e para a formação das camadas de registro de seu espaço interno. Na situação em que se encontrava, mal podia diferir respostas ou reconhecer diferenças entre a percepção, o sonho e a alucinação. Sua atenção era errática e, obviamente, não refletia sobre seus próprios atos porque não podia captar a natureza íntima dos objetos com os quais se relacionava. Sua própria ação era vista com referência aos objetos tatilmente distanciados e, enquanto continuasse se considerando simples reflexo do mundo externo, não poderia abrir caminho para sua intenção profunda capaz de transformar a própria mente. Agarrando e fugindo, havia moldado seus primeiros afetos que se expressavam por atração e rechaço, modificando-se muito lentamente essa bipolaridade torpe e simétrica

esboçada já nas protoespécies. Por ora, sua conduta era previsível demais, mas chegaria o momento em que, autotransformando-se, daria um salto para a indeterminação e o acaso.

Assim, o visitante esperava um novo nascimento nessa espécie na qual havia reconhecido o temor diante da morte e a vertigem da fúria destrutiva. Havia presenciado como esses seres vibravam pela alucinação do amor, como se angustiavam pela solidão do Universo vazio, como imaginavam seu futuro, como lutavam para decifrar a trilha do começo na qual foram lançados. Em algum momento, essa espécie feita com a argila do cosmos empreenderia o caminho para descobrir sua origem e faria isso andando por caminhos imprevisíveis.

O espaço virtual puro

Nesse dia, Téneter III testaria o novo material fornecido por Seguidor. Dirigiu-se ao recinto anecoico e, ao penetrar nele, observou em meio a um ambiente vazio a reluzente maca de testes. Com a roupa ajustada, capacete, luvas e botas curtas, sentiu-se como um antigo motociclista aluminizado. Em determinado momento, deitou-se resolutamente, mas logo optou por outra postura na qual o artefato se moldou a ele como um assento macio, ligeiramente reclinado para trás.

Agora, veria cara a cara a natureza de um novo fenômeno sem as projeções dos programas artificiais. Em todo caso, seu corpo daria os pulsos e sinais que encheriam um ambiente sem interferências. E, se tudo funcionasse bem, veria seu espaço mental traduzido, graças à tecnologia do espaço virtual. Esse era o ponto a partir do qual o Projeto encontraria sua via de realização.

Baixou o visor e ficou no escuro. Ao tocar uma tecla do capacete, conectou o sistema e gradualmente foram aparecendo

contornos iluminados que emolduraram a face interna do visor. Era uma tela situada a 20 centímetros de seus olhos. De repente, seu corpo apareceu suspenso no interior de um recinto esférico espelhado. Deslocou seu olhar em diversas direções e pôde monitorar com precisão. O efeito produzido não lhe pareceu ter um mérito especial, tendo em conta que seus nervos oculares transmitiam sinais à interface conectada ao processador central. Movendo os olhos para a direita, as imagens corriam em sentido inverso até ocupar o centro da visão; movendo-os para cima, a projeção descia, e assim em toda a combinação que ensaiara. Olhando para a ponta de sua bota direita, ajustou sua visão com um suave esforço para capturar detalhes e, então, o zoom aproximou o objeto mais e mais, até ocupar toda a tela. Depois, desacomodando o cristalino, retrocedeu até se ver como um pequeno ponto brilhando no centro do ambiente espelhado. O programa óptico tinha o aumento e a definição dos melhores microscópios eletrônicos e, até agora, a inútil penetração dos telescópios mais afinados, já que nada se podia ver do mundo astronômico dentro do recinto de projeção proporcionado pelo capacete.

Hoje tudo poderia melhorar, se funcionassem os detectores que Seguidor havia distribuído na superfície interna da roupa sensível. A informação deveria aparecer na tela, conforme os impulsos nervosos ativassem diferentes pontos do corpo. Tocou a segunda tecla situada no capacete e, imediatamente, uma coluna alfanumérica começou a se deslocar pela zona esquerda do visor, ao mesmo tempo em que no ângulo direito aparecia um diminuto retângulo no qual se sobressaía sua mão apoiada no capacete. Abaixou o braço lentamente e a coluna começou a entregar informação, enquanto na janela do visor o esquema de seu braço se deslocou, descendo. Engoliu a saliva e novamente os dados se sucederam encolunadamente. No quadro apareceu

o interior de sua boca e logo o esôfago, movendo-se suavemente. Em um novo teste, recordou Jalina, e o retângulo fez aparecer seu coração batendo com uma velocidade maior que a normal; logo, os pulmões expandiram-se um pouco e apareceu o sexo, adquirindo uma suave cor vermelha. A coluna, por sua vez, informou sobre diversos fenômenos intracorporais: pressão, temperatura, acidez, alcalinidade, composição de eletrólitos no sangue e percurso dos impulsos.

Passou a focar o olhar em linha reta e tornou a aparecer ele mesmo na tela, suspenso no recinto esférico. Era óbvio que se via de um ponto de observação externo, um pouco deformado, como acontece ao olhar-se em um espelho côncavo. Então, começou a respirar lenta e profundamente. Em pouco tempo, os detectores entraram em funcionamento. Um instante depois, desacelerou o ritmo respiratório, deixando-o parecido ao do sono profundo e, assim, paulatinamente, observou como a imagem foi se aproximando até aparecer fora da tela, aproximando-se cada vez mais de seus olhos até que, tocando-os, desapareceu em uma fusão transparente. Mas, tudo ficou escuro, como se o sistema tivesse se desconectado. Esticou um braço, e o ambiente negro pareceu se rasgar, deixando ver uma luz distante. Imaginariamente, foi se aproximando da luz, enquanto nas bordas do visor a coluna e o quadro indicavam as alterações físicas que correspondiam a seu processo mental. Dessa maneira, esforçou-se para sentir que avançava nos recantos materiais do espaço virtual.

Na cova em penumbra, a estranheza começou a se dissipar, porque reconheceu a vívida dimensão das grutas encrustadas nos montes, os odores úmidos que despertam recordações de emoções prazerosas, a resistência da pedra, as rugosidades e distâncias objetais. Nos indicadores, viu um lento caminhar e a sucessão de diferentes zonas de seu corpo,

à medida que estas se ativaram. À sua frente, apareceu uma silhueta encapuzada, mas logo percebeu no quadro que a imagem era a tradução de pequenos movimentos dos músculos da língua na caverna de sua boca. Ao entrefechar os olhos, viu luzes ao redor, mas compreendeu que se tratava de simples descargas nervosas amplificadas, estimulando os músculos das pálpebras. A roupa sensível detectava bem os movimentos infinitesimais do corpo que correspondiam às imagens mentais. A situação, de qualquer maneira, era alucinante. O encapuzado ofereceu um recipiente e ele, tomando-o em suas mãos, consumiu o conteúdo, que sentiu passar pela garganta com a mesma realidade que tem a água fresca na secura do deserto. Então, estava em condições de atravessar a caverna e sair para o espaço exterior...

O Comitê se organiza

Depois da morte de Téneter I, houve uma importante crise no Comitê. Todos os membros concordavam que o comportamento humano piorava progressivamente em muitos aspectos. Também reconheciam que a explosão tecnológica brindava a cada dia novas possibilidades.

Duas posturas divergiam entre si na interpretação dos fatos. Por um lado, os “cientificistas” explicavam que a reiteração de condutas sociais modificava as áreas de trabalho cerebral dos conjuntos humanos. Isso gerava um tipo de sensibilidade e de percepção dos fenômenos. Por conseguinte, tanto os diretores das companhias quanto seus formadores de opinião orientavam o processo social de acordo com códigos nos quais eles haviam se formado. Dessa maneira, os pedagogos aperfeiçoavam a educação e o ensino em um círculo vicioso que realimentava suas crenças particulares. Os “cientificistas” afirmavam que uma mudança de direção

era impossível dentro de um processo mecânico que chamavam de “Sistema” e se mantinham dentro de uma antiga tese einsteiniana que afirmava: *“No interior de um sistema, nenhum fenômeno pode evidenciar seu movimento”*. Sempre expunham o exemplo daquele velho mestre, segundo o qual um viajante que se desloca em um vagão de trem, movimentando-se a 120 quilômetros por hora, ao pular de onde estava, nem por isso cairia em outro vagão do trem. Em um sistema inercial, seja um trem pré-histórico ou um veículo espacial, não importa o salto dentro desse sistema. De qualquer maneira, havia que se apoderar da direção do trem ou da nave para mudar a direção do móvel.

Os “historicistas” respondiam a isso, dizendo que aqueles que assumiriam a direção do aparato o desviariam de acordo com pautas nas quais eles haviam se formado, e perguntavam: *“Qual é a diferença entre os condutores anteriores e os novos, se todos atuam a partir das paisagens em que se formaram, a partir de suas áreas cerebrais mais ativas? A diferença seria somente de interesses particulares entre gente preocupada em dirigir o móvel.”* De acordo com isso, os “historicistas” apostavam em processos mais amplos, inspirando-se em distintos momentos históricos em que, por motivos de sobrevivência, os seres vivos haviam modificado seus hábitos e haviam se transformado. Mas também reconheciam que muitas espécies haviam desaparecido por dificuldades em sua adaptação.

Era uma discussão que não tinha fim. Nessa situação, Téneter II se encarregou do Comitê, eleito por sua equidistância entre as posturas em choque.

Téneter II orientou o Projeto em direção à pesquisa das melhores produções humanas na qual tanto os “cientificistas” quanto os “historicistas” estavam de acordo. Dedicado à tarefa, conseguiu uma imensa recopilação daqueles

conhecimentos científicos e artísticos que haviam possibilitado uma melhora no processo humano, capacitando-o para superar a dor e o sofrimento. A direção do Comitê deu um forte impulso para a seleção de pessoal que deveria capacitar as novas promoções com relação às ideias do Projeto. Foi uma tarefa árdua que ele assumiu pessoalmente, detectando gente capaz de sair das crenças e moldes estabelecidos pelo Sistema, e que manejavam sua vida com base em valores e condutas atípicas, segundo o ponto de vista aceito pelo eficientismo em voga. Quando esse contingente singular estava pronto, denominou a organização de “Comitê para Defesa do Sistema Nervoso Débil”, desenvolvendo suas atividades como instituição dedicada a resgatar e proteger indivíduos intelectualmente inaptos para sua adaptação ao Sistema. Por outro lado, dividiu o Comitê em seções especializadas e, a partir de uma delas, produziu material educativo para os inadaptados de todas as latitudes. Ao mesmo tempo, desenvolveu protetores de programas e antivírus para as companhias de programação que lutavam contra os piratas informáticos.

Téneter II se instalou na Mesopotâmia para levar adiante um estudo de campo e, a partir dali, manteve-se em contato permanente com a sede do Comitê. Mas, um certo dia, quando se deslocava entre os rios Tigre e Eufrates, seus sinais desapareceram. Poucas horas depois, Faro e Hurón chegaram ao lugar com uma equipe de resgate, mas encontraram somente seu veículo, seus aparatos de medição e um cristal informativo. A partir desse momento, não se teve mais notícias do expedicionário.

Os caracteres viventes

Téneter III se deteve na caverna. Estava em condições de sair ao espaço exterior. “Qual espaço exterior?”, perguntou-se. Bastaria tirar o capacete para encontrar-se sentado no

recinto anecoico. Nessa dúvida, recordou o desaparecimento de Téneter II e a incoerente informação que o cristal entregou ao ser reativado: uma holografia monótona na qual o expedicionário aparecia cantando em longo lamento. Isso era tudo. Mas também recordou a voz de seu mestre. Sentiu os poemas que tanto tempo atrás ele fizera ondear como brisa marinha; escutou a música de cordas e o som dos sintetizadores; viu as telas fosforescentes e as pinturas que cresciam nas paredes de manganês flexível; roçou novamente com sua pele as esculturas sensíveis... Dele havia recebido a dimensão dessa arte que tocava os espaços profundos, profundos como os olhos negros de Jalina, profundos como esse túnel misterioso. Inspirou com força e avançou para a saída da gruta.

Era uma tarde bonita que explodia em cores. O sol avermelhava as linhas montanhosas, enquanto os dois rios distantes serpenteavam em ouro e prata. Então, Téneter III assistiu à cena que a holografia havia mostrado de maneira fragmentada.

Ali estava seu predecessor cantando para a Mesopotâmia:

Ó, Pai, trazei do recôndito as letras sagradas. Aproxima aquela fonte na qual sempre pude ver os ramos abertos do futuro!

E, enquanto o canto se multiplicava em ecos distantes, apareceu no céu um ponto que se aproximava velozmente. Téneter ajustou o zoom a essa distância e, então, viu claramente asas e uma cabeça de águia, um corpo e uma cauda de leão, um voo de nave majestoso, um metal vivo, um mito e uma poesia em movimento que refletia os raios do sol poente. O canto prosseguia, enquanto se perfilava a figura alada que estendia suas fortes patas de leão. Então, fez-se silêncio e o grifo celeste abriu seu enorme bico de marfim para responder com um guincho que, rodando nos vales, despertou

as forças da serpente subterrânea. Algumas pedras altas se despedaçaram, elevando em sua queda nuvens de areia e pó. Mas tudo permaneceu calmo quando o animal desceu suavemente. Logo, um cavaleiro saltou diante do homem, que agradeceu a esperada presença de seu pai.

E o cavaleiro tirou de um alforje pendurado no grifo um livro grande, antigo como o mundo. Logo, sentados no solo rochoso e multicolor, pai e filho respiraram o entardecer, contemplaram-se longamente e, assim dispostos, abriram o velho volume. Em cada página se aproximaram do cosmos; em uma única letra viram se moverem as galáxias barradas, os cúmulos globulares abertos. Os caracteres dançavam nos antigos pergaminhos, e neles se lia o movimento do cosmos.

Depois de algum tempo, os dois homens (se é que eram homens) estavam de pé. O mais velho, com suas longas roupas desajustadas e soltas ao sabor do vento, sorriu como ninguém nunca sorriu neste mundo. No coração de Téneter III se escutaram suas palavras: *“Uma nova espécie abrir-se-á para o Universo. Nossa visita terminou!”* E nada mais.

Nada mais.

Diante dos olhos de Téneter estavam os rios que, serpenteando em ouro e prata, convertiam-se por momentos em ramos arteriais e venosos que irrigavam seu corpo. No retângulo do visor apareciam seus pulmões denunciando o arquejo respiratório, e isso o fez compreender de onde haviam saído as asas batentes do grifo. Em uma zona de sua memória soube encontrar as imagens míticas que havia visto modeladas com tanta realidade.

Decidiu voltar à gruta, ao mesmo tempo em que observava a cadeia alfanumérica que se deslocava na borda da tela. De imediato, o retângulo mostrou o movimento que suas ima-

gens induziam infinitesimalmente em suas pernas e, assim, penetrou na caverna. “Sei o que faço”, pensou, “sei o que faço!” Mas essas palavras, ditas para si mesmo, retumbaram fora, chegaram a seus ouvidos vindas de fora. Ao olhar a parede rochosa, escutou frases que se referiam a ela... Estava rompendo a barreira das menções em que se mesclam os diversos sentidos. Talvez por isso recordou aquele poema que seu mestre recitava:

*“A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu: voyelles Je dirai quelque jour vos naissances latentes”.*²

Logo viu uma pedra que abria suas arestas como flores coloridas, e nesse caleidoscópio percebeu que estava rompendo a barreira da visão. E transpôs cada sentido, como faz a arte profunda quando toca os limites do espaço da existência.

Jogou o capacete para cima e se encontrou no quarto anecoico, mas não estava só. Por algum motivo, toda a seção se encontrava ao redor dele. Jalina beijou-o suavemente, ao mesmo tempo em que a impaciência do conjunto se fez sentir com força.

– Não direi nada! – foram as escandalosas palavras de Téneter. Mas logo explicou que se colocaria imediatamente a elaborar um informe que não devia ser conhecido pelos demais, até que cada um tivesse feito sua parte. Assim, estabeleceu-se que, um após o outro, os membros da seção viajariam ao espaço virtual puro. Ao final, seria possível processar dados isentos de mútuas influências e, então, seria o momento de iniciar as discussões. Porque, se todos reconhecessem a mesma paisagem no espaço virtual puro, o Projeto poderia realizar-se. Como chegaria a todo o mundo? Como tem chegado qualquer tecnologia. Além disso, os canais de distribuição estavam abertos por essa rede de gente excepcional que estava além da casca externa a que o ser humano

havia sido reduzido. Agora, sabia que existia, que todos os outros existiam e que isso era o primeiro em uma grande escala de prioridades.

Nada de apoio às colônias planetárias!

– Bom dia, senhora Walker.

– Bom dia, senhor Ho.

– Imagino que viu o informe da manhã. Sim, claro. Também suponho que na análise diária terá decidido influir no tema das colônias planetárias.

– Isso mesmo, senhor Ho. É assim. Ninguém nesta Terra apoiará nenhum esforço, enquanto não se acabe com a monstruosidade de que algum ser humano esteja abaixo das condições de vida que todos nós desfrutamos.

– O quanto me alegra escutá-la, senhora Walker! O quanto me alegra! Mas, diga-me, em que momento começou a mudar tudo? Quando nos demos conta de que existíamos e que, portanto, outros existiam? Agora mesmo eu sei que existo. Que estupidez! Não é certo, senhora Walker?

– Não é nenhuma estupidez. Eu existo porque você existe e vice-versa. Esta é a realidade, todo o resto é uma estupidez. Creio que os rapazes de... Como se chamava?... Algo como “A Inteligência Torpe”?

– Comitê para Defesa do Sistema Nervoso Débil. Ninguém se lembra deles, por isso lhes dediquei um poema.

– Isso, isso. Bem, os rapazes conseguiram esclarecer as coisas. Na verdade, não sei como fizeram, mas fizeram. De outro modo, estaríamos convertidos em formigas, ou em abelhas, ou em *trifinus melancolicus*! Não perceberíamos nada.

Pelo menos, durante algum tempo mais. Talvez não tivéssemos vivido o que estamos vivendo. Só lamento por Clotilde e Damián e tantos outros que não chegaram a ver a mudança. Estavam realmente desesperados e o mais grave é que não sabiam porquê. Mas, olhem para o futuro.

– Isso mesmo, isso mesmo. Toda a organização social, se é que se pode chamá-la assim, está desabando. Em pouco tempo estará se desarticulando completamente. É incrível! Mas, esta crise vale a pena. Alguns se assustam porque acreditam que vão perder algo, mas, o que vão perder? Agora mesmo estamos modelando uma sociedade nova. E quando arrumarmos bem nossa casa daremos um novo salto. Então, sim, virão as colônias planetárias e as galáxias e a imortalidade. Não me preocupa que no futuro entremos em uma nova estupidez, porque já haveremos crescido e, ao que parece, nossa espécie encontra uma saída justo nos momentos mais difíceis.

– Eles começaram com os programas do espaço virtual, construídos de tal forma que todo mundo quis jogar, e logo as pessoas perceberam que não eram figuras planas recortadas. Deram-se conta de que existiam. As crianças foram o fermento de algo que certamente aconteceria, senão não se explica a velocidade do assunto. As pessoas tomaram tudo em suas mãos, acredito! O final da história foi espetacular, já que 85% da população mundial sonhou ou viu o leão alado, e também escutou as palavras do visitante quando regressava a seu mundo. Eu o vi, e você?

– Eu sonhei.

– Dá no mesmo... Por ser esta a primeira vez que conversamos, parecerá excessivo se lhe peço um grande favor?

– Ora, vamos, senhora Walker. Estamos vivendo em um novo mundo e ainda nos custa um pouco encontrar formas livres de comunicação pessoal.

– Você lerá para mim seus poemas? Imagino que são ineficientes, arbitrários e, sobretudo, reconfortantes.

– Isso mesmo, senhora Walker. São ineficientes e reconfortantes. Em qualquer momento os lerei para a senhora. Tenha um dia maravilhoso.

Notas

¹ E. A. Poe, *La narración de A. Gordon Pym*, Buenos Aires, Hyspanamérica, 1983, p. 114

² Na primeira parte da poesia de Rimbaud: “*A negro, E branco, I vermelho, O azul: vogais, mencionarei algum dia vossos nascimentos latentes*”.

